



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Relatório de Projeto Final “Porque um dia acaba”

Luís António Pinto Sérgio

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Cinema
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Luís Nogueira

Covilhã, Outubro de 2014

Índice

Introdução	5
A História	6
Surgimento da Ideia	7
Desenvolvimento do Guião	7
As Personagens	9
Mãe	10
Pai	10
João	11
Ricardo	11
Influências	11
O Grande Plano	12
Pré-Produção	16
Apoios	16
Casting	17
A Equipa	19
Direção de Fotografia	19
Direção de Arte	20
Direção de Som	21
Répèrage	22
As Filmagens	24
Direção de Atores	25
Realização	27
Pós-Produção	29
Montagem	29
Edição de Som	30
Correção de cor	31
Efeitos Visuais	32
Conclusão	33
Anexos	35
Guião	
Sketchbook	
Desenho Direção de Arte	

*“No início, os filhos amam os pais. Depois de um certo tempo, passam a julgá-los.
Raramente ou quase nunca os perdoam.”*

*Oscar Wilde, Uma mulher sem importância
trad. de Carla Morais Pires, Ática, Lisboa, 2010*

Introdução

“Porque um dia acaba” é uma curta-metragem realizada no âmbito de projeto final de mestrado. Neste relatório vou tentar expor da melhor forma todo o método criativo do filme e os meus objectivos na criação do mesmo. Ao longo do mesmo apresentarei as minhas várias influências e o meu método de realização conforme o seu desenvolvimento. Explicarei tudo, desde o seu processo criativo até à fase final, expondo quais os vários imprevistos e problemas que puderam ou não ajudar na concretização que eu tinha sobre o mesmo.

Iniciarei por explicar todo o método de construção e desenvolvimento da ideia para este filme, de modo a expor todas as minhas intenções e os objetivos sobre a mesma.

Seguidamente, falarei sobre o processo de pré produção, onde da melhor maneira vou explicar todos os procedimentos que ocorreram nessa fase, desde a procura de atores, de cenários, equipa técnica e apoios para o desenvolvimento do filme.

A fase seguinte será a realização do projeto, onde vou desenvolver como sucedeu todo esse momento da gravação do filme. Explicarei as dificuldades pelas quais passei e quais os objetivos que tinha sobre a mesma. Falarei sobre o método de direção de atores e tentarei expor o meu método de realização falando inclusivamente de alguns casos em específico.

Por último, segue-se a fase da pós produção que servirá para expor todo esse processo após a filmagens até à obtenção do resultado final. Irei falar também sobre a fase de montagem e como este foi executado, seguido pelo processo de edição de som e imagem.

A História

“Por que um dia acaba” é a minha visão sobre uma família normal mas que não o é. Uma família disfuncional, tal como tantas outras, com os seus problemas e os quais não conseguem resolver. A minha curta-metragem conta a história de um pai e de uma mãe que foram “forçados” a viver uma vida que não queriam. A sua educação levou-os a isso, a um casamento desejado na altura, mas que com o passar dos anos se tornou cansativo e monótono. Com esta história quero mostrar o amor incondicional através de uma família disfuncional.

“Por que um dia acaba?” é sobre o íntimo, é sobre o interior e sobre o conhecer verdadeiramente estas pessoas, mais que entrar no interior desta família, é entrar no interior individual de cada um dos familiares, tentar perceber como estas personagens se sentem e como agem em conjunto dentro daquela casa.

Todos os dias esta família sofre com o que aconteceu no passado, uma traição do Pai, pessoa que era respeitada por todos até ao momento da descoberta. A Mãe nunca conseguiu ultrapassar essa situação e todos os dias consciencializa-se que perdoa o seu marido independentemente de viver atormentada com isso. Ela acredita numa família unida, quer com os filhos quer com o marido, assim foi educada e esta é a única vida que conhece. Além disso, são uma família de aparências e a separação seria motivo de vergonha. O Pai também vive este casamento sem questionar, aquela é a sua família, á qual deve respeito e da qual tem de cuidar. Muitas vezes sente-se preso a essa família mas sabe que sem ela não consegue viver. Queria viver uma vida calma e despreocupada, uma vida comum, mas toda aquela tensão que se vive dentro de casa não o deixa. Sabe que errou, e muitas vezes erra sem pensar, como uma escapatória aos problemas que tem dentro de casa. Sente que a família não lhe dá o devido valor e sente-se incompleto, sozinho e perdido no meio deste ambiente familiar, por isso procurou algo mais, procurou tempo para si próprio, tempo para não pensar nos outros. Nem sempre é uma questão de desejo, mas sim de libertação. Apesar de tudo, esta personagem sabe que a sua família está em primeiro lugar e que são eles quem ele ama, mas devido aos seus erros, vive constantemente inseguro dos seus atos e das suas atitudes, o que o leva a pensar que já não tem autoridade nem poder naquela família. João, filho mais velho, viu todas as discussões por quais passaram os pais e, como vive em casa, continua a ver todos os dias os problemas por quais a família passa, inclusivamente ele próprio é um problema dentro daquela casa por não ter seguido os estudos nem ter emprego. Ele observa todos os dias a verdade dura e crua, viu o sofrimento da mãe, e sem questionar, dá todo o apoio incondicional à mesma. Pelo contrário, Ricardo, filho mais novo, vive protegido por todos, de modo a não conseguir perceber tudo o que se passa à sua volta, mas apesar disso é um dos membros mais racionais da família, ele é como uma outra visão, para ele, todo aquele sofrimento da família é desnecessário.

Surgimento da ideia

Esta ideia para o meu filme surgiu principalmente da minha história pessoal, um sonho e uma vontade de o tornar real, pelo peso negativo que teve em mim. Queria-o tornar real e comecei a pensar como poderia desenvolver esta minha história.

Ainda que baseado nas minhas vivências, a história em pouco se assemelha, serão mais as discussões familiares o grande elo em comum. O que me surpreendeu e me fez interessar neste tipo de família ao ponto de desenvolver esta ideia, foi o facto de alguns familiares meus que em momentos de festas e convívio com outras pessoas, apesar de provavelmente existirem conflitos dentro dos seus lares, agem como se nada se passasse.

Quis então pegar numa família disfuncional, que por algum motivo teria de viver nesta hipocrisia e retratar o seu íntimo, mostrar como estes agem em conjunto. Para isso, teria que arranjar conflitos e em contrapartida queria criar um ambiente que obrigasse a família a evitar esses conflitos. Visto eu pessoalmente gostar de histórias que se desenvolvam todas num curto espaço de tempo, decidi optar por mostrar como seria um jantar de natal desta família, pois nada melhor de que um jantar de natal, jantar onde por norma toda a família se reúne e onde normalmente se quer que tudo esteja bem, para retratar a hipocrisia que estes costumam viver no dia a dia.

Para estas famílias ditas disfuncionais, estas discussões é o dia-a-dia delas, é o “normal” para elas, mas como o normal é “o que é considerado correto”, elas sabem que são problemáticas. Na realidade estas discussões entre famílias e atitudes são tudo menos “normais”, mas é algo comum, e cada vez mais estamos perante isto nesta sociedade, temos cada vez mais pessoas a sofrer com o seu casamento e cada vez mais divórcios a acontecer, será esse o novo normal? Famílias disfuncionais? Ou será que é algo que sempre existiu, mas que não se via com tanta frequência? Evidentemente que muitas destas ideias que questiono existem devido às minhas vivências e conhecimentos. Esta foi também uma das minhas principais intenções com a criação desta ideia, questionar e questionar-me.

Claro que nesta minha história existe também um lado mais ficcional, principalmente no final, embora possa realmente acontecer e existir. Foi também o meu intuito de chocar, chocar o espetador e deixá-lo a pensar, questionar-se do que é preciso para uma pessoa com aqueles ideais, sendo esta uma família conservadora, para se libertar de todo aquele sofrimento.

Desenvolvimento do guião

Pegando nesta minha ideia passei posteriormente para a criação do guião. Comecei por pensar quais seriam os conflitos interiores de cada personagem e como poderia solucioná-los. Todos os elementos da família vivem em conflito com a própria família, ali ninguém se sente bem, e esta viria a ser a base para o meu guião.

Obviamente que para falar sobre este interior de uma família tive que recorrer às minhas experiências pessoais. Todas as famílias são diferentes e têm as suas particularidades, mas também são vários os aspectos em que se assemelham, por exemplo o modo como interagem entre si. A própria confiança entre familiares é bem diferente de toda a que se tem com os demais, e que muitas vezes só poucos ou quase nenhuns a podem presenciar. Lidar com um amigo é diferente de lidar com um pai, mãe ou um irmão, às vezes sabem mais, outra vez sabem menos, mas é uma intimidade diferente, que se vai construindo ao longo do tempo.

Pessoalmente, não conheço muitos interiores de outras famílias sem ser a minha, e devido a isso baseei-me um pouco em alguns estereótipos e filmes para a construção desta ideia.

Durante esta história tentei sobretudo manter um ritmo mais calmo na fase inicial, caracterizando assim um pouco os elementos da família e o modo como tentam viver em união, elevando-o suavemente até ao final explosivo onde mostro toda a tensão que se tem vivido naquela casa. No entanto, eles não são assim tão íntimos entre si como desejariam ou como parecem transparecer. É uma família reservada, sendo que é sempre preciso um motivo de tensão ou uma discussão para que se expressem verdadeiramente entre eles. O que acontece na minha história é começar a elevar a discussão e ir revelando aos poucos os vários problemas da família, rompendo a tensão com pequenos momentos, pausas e silêncios.

Apesar de tudo, nunca pensei em inovar na criação da minha história, e apenas queria mostrar os conflitos familiares existentes nestas personagens. Decidi tratar de uma família com quatro elementos, onde um deles está mais afastado da família e que sempre foi mais protegido de tudo o que acontece ali. Queria que esta personagem, a de Ricardo, fosse uma pessoa mais racional e lógica dentro daquela família, um pouco idêntico à personalidade do pai. Devido a isso o pai teria um pouco mais de afinidade com este filho e a Mãe teria mais afinidade com o filho mais velho que seria o João que, infelizmente, devido aos problemas familiares e à sua personalidade, acabou por se deixar ir abaixo e desistir dos estudos ao contrário do irmão. Isto faria com que existisse um conflito grande com o pai que não concordava em nada com a sua decisão. Apesar de tudo, a mãe seria uma pessoa que se importasse e ligasse muito à família. Mesmo com as desavenças com o pai esta seria submissa e faria de tudo para que a família se mantivesse unida. Ainda que tivesse mais afinidade com o João, ela de igual modo preocupa-se com o filho mais novo e por isso não quer que este saiba dos problemas familiares para que não fique perturbado com os acontecimentos que têm ocorrido em casa. Esta vinda do filho mais novo que todos querem proteger, inclusive o irmão mais velho, seria o ponto de partida para que o jantar de natal corresse em paz. A mãe estaria dedicada totalmente ao jantar e preocupada com as atitudes que o filho mais velho poderia ter com o pai, visto que é costume existirem esse tipo de discussões entre os dois. Pensei então dar um ambiente pesado e constrangedor, principalmente na primeira fase do jantar, onde Ricardo se iria apercebendo de que, como de costume, a família não está bem, pois apesar de tudo, e de ser o filho protegido, este

tem plena consciência que a família passa por problemas. Para isso decidi que o Ricardo soubesse que o pai já teria tido casos extra conjugais, mais do que uma vez, e Ricardo soubesse do assunto, mas que apenas ninguém falasse sobre isso porque a decisão de ter perdoado o pai foi da mãe e isso nenhum dos filhos “pôde contestar”. Assim que o jantar começasse a ficar demasiado constrangedor, acabei por decidir criar alguns pontos de tensão entre o pai e o João, de modo a que uma forte discussão existisse e começasse a revelar aos poucos o interior e o quão podre está esta família. Sabia que à medida que existisse o aumento de tensão à mesa, teria que obrigatoriamente existir esse tais pontos de alívio. Para isso vim recorrer à personagem da mãe, que de forma transtornada abandona a mesa sempre que existe um momento mais conflituoso, e deste modo deixar também o espetador a pensar sobre o que se está a passar naquele jantar. O clímax final está na última parte do jantar em que de certa forma toda a família se revela. Vemos então um pai a implorar para poder viver com a família, uma Mãe decidida que diz que o melhor seria acabar com o casamento e toda aquela farsa, e um João enraivecido e farto desta situação toda. Para poder ter o clímax, seria necessário haver algo que, mesmo que inconsciente, fizesse o João esfaquear o pai. A minha ideia foi a de elevar a discussão deles ao ponto em que o pai, que muito provavelmente nunca tinha batido no filho anteriormente, lhe batesse de modo a que este ficasse tão irritado que lhe espetasse a faca que tem na mão.

Depois de escrever um primeiro rascunho, várias foram as versões por que passei para chegar até à versão final do meu guião. Para que isto fosse possível, ia sempre recorrendo às opiniões do meu orientador que seguiu todos os passos na criação desta história. Também a opinião de outros professores e colegas foram devidamente importantes para poder concluir a história, de modo a que esta ficasse mais interessante e perceptível, dando a entender a minha visão.

Apesar desta poder parecer uma história cliché, não era na narrativa que eu pretendia, de algum modo, surpreender o espetador, mas sim eleva-la juntamente com o método de realização.

Personagens

O meu filme tem um total de cinco personagens, das quais quatro considero as protagonistas desta história, todas elas com igual relevância no desenvolvimento da mesma. A personagem da Amante na primeira cena do guião surge apenas para ajudar a introduzir a personagem do Pai, à qual não dou muito relevo. Devido a isto, não irei entrar numa caracterização profunda sobre esta personagem da Amante, irei apenas debruçar-me sobre as restantes quatro. A personagem de Ricardo, ainda que seja, eventualmente, a menos destacável neste enredo, é uma chave fundamental para o funcionamento desta narrativa, e deste modo considero-o, de igual modo, como protagonista.

Seguidamente, irei apresentar os quatro membros da família desta minha história.

Mãe

Trata-se de uma pessoa calma que tinha uma vida perfeita e cheia de alegria, até descobrir as traições do marido. Quando era jovem, só pensava em casar, ter filhos e construir uma família feliz. Depois de saber da traição do marido, isolou-se, e os filhos são a sua única preocupação. Tenta ignorar as traições do marido devido aos valores e às crenças que lhe foram inculcadas durante a sua infância. Sofreu uma educação maioritariamente conservadora e mantém, por isso, bastante respeito pelo marido. É uma mulher simples que vive para a família. Acredita bastante na igreja católica e nos seus valores. Perdoou o marido, apesar deste a ter traído, principalmente devido ao receio de que as pessoas a censurassem. Dá demasiada importância ao que as outras pessoas pensam dela e ao que os outros dizem. Cumpre as suas funções enquanto esposa preocupada, e mantém diariamente sempre a mesma rotina. Depois da traição do seu marido, a sua personalidade mudou, sente-se mais triste e desgastada. Refugia-se muitas vezes nos seus pensamentos, sozinha, e mantém muito para si as suas opiniões. A única pessoa com quem desabafa é o seu filho mais velho. Por este estar sempre presente nas discussões diárias, é com ele que a mãe possui maior contacto. Entre o casal existem várias discussões diárias com motivos diversos, sobre a educação dos filhos, sobretudo do filho mais velho, e sobre os problemas conjugais; no entanto, evita falar sobre a traição do marido e pretende reprimir tal acontecimento da vida dela.

Pai

Homem de negócios que vive em prol da família. Pessoa de ideias fixas e que vive para ter uma família, filhos e mulher que o respeitem. Facilmente influenciável por terceiros e que não se quer prender a nada nem a ninguém. Apesar de tudo, a família é uma peça fulcral na sua vida e já não consegue viver sem ela. Sente que vive uma vida que não era a desejada em tempos, e, por isso, acaba por querer algum afastamento da família. É uma pessoa calma que dificilmente se irrita. Dentro de casa, existem várias discussões com o seu filho mais velho por não ter trabalho e ter abandonado os estudos. Acaba por chateá-lo o facto de que este viva à sua conta e que não tenha objectivos de vida. Pelo contrário, adora o filho mais novo por este ter optado por seguir uma carreira académica e tem muito orgulho nele. Independentemente disso, sente-se muito afastado da família por estar muitas vezes ausente. Apesar de tudo, tenta que a família dependa dele para que de algum modo se mantenham juntos. Ama a família, mas não aguenta as constantes discussões existentes em casa, e por isso acredita que ter uma relação extra conjugal o ajuda a esquecer os problemas, e vê na sua amante alguém que se preocupa com ele e que lhe dá um pouco de paz.

João

Sempre teve tudo o que queria dos pais. Aproveitando-se da vida estável que tinha, é uma pessoa que gosta de fazer o que quer sem se preocupar com as consequências. Ao contrário do irmão, não seguiu os seus estudos para o ensino superior. Vive despreocupado com a vida e à custa dos pais. É muito apegado à mãe e faz tudo por ela, fazendo-a seguir muitas vezes os seus conselhos. Depois da traição do pai à mãe, João, apesar de não concordar, perdoou o pai, tal como a mãe lhe dissera para fazer. Tentam viver como uma família feliz, mas tem várias discussões diárias com o pai e muitas delas sobre a educação e sobre a sua decisão em não ter prosseguido os estudos, sempre em comparação com o seu irmão, e por não se preocupar em arranjar emprego. Vive revoltado com a vida porque pensa que a sociedade comanda as suas ações, defendendo muitas das suas teorias com argumentos inválidos. É muito protegido pela sua mãe, que o ajuda e o defende em diversas situações.

Ricardo

Calmo e sereno, vive sempre em função do correto e da razão. Preocupa-se com os estudos porque quer ser alguém na vida e talvez seguir um caminho igual ao do pai. Avalia sempre todas as suas decisões de forma racional. Ao contrário do irmão, seguiu os estudos e está agora na universidade, mais afastado de casa. Como está menos vezes em casa, acaba por não estar tão presente nas discussões familiares e por não saber do que se passa. Sempre foi o mais protegido pelos outros elementos da família. Depois da traição do pai, é o único que compreende que a família se desfragmentou e que não voltem a reconciliar-se. Tem sempre uma visão diferente de todos os que vivem naquela casa. Pessoa fixa nas suas ideias, fica descontente com a opção de toda a família mas acaba por aceitar tal facto. É uma pessoa muito compreensiva, capaz de entender sempre a razão dos outros.

Intenções gerais das personagens ao longo da história

Todas as personagens, no geral, têm como principal intenção festejar o jantar de natal em família e desfrutar do mesmo sem preocupações. O principal motivo é o facto do Ricardo estar presente, e da necessidade da restante família o proteger de conflitos, como é costume acontecer diariamente. Apesar de tudo, João é uma personagem impulsiva, e independentemente da promessa que fez à sua mãe, a de não criar conflitos com o pai nessa noite, não consegue evitar e provoca o pai ao longo do jantar, causando grandes momentos de tensão na família.

Influências

Várias foram as influências que tive para a criação desta obra, várias surgiram antes, outras só posteriores ao nascimento desta ideia.

Ao procurar vários filmes sobre famílias disfuncionais, mais ideias me foram surgindo. O filme “A festa” de Thomas Vinterberg foi, talvez, mesmo inconscientemente, um dos filmes que mais me influenciou. Existem também algumas influências do realizador Michael Haneke, principalmente uma cena específica do filme “71 Fragmentos de uma Cronologia do Acaso”.

Surgiram posteriormente mais algumas influências, como “Blue Jasmine” de Woody Allen; “Dentro de casa” e “O Tempo que Resta” de François Ozon; “Vingança Planeada” de Chan-wook Park; “A casa de Alice” de Chico Teixeira; “Terça, Depois do Natal” de Radu Muntean entre outros. Estes filmes ajudaram-me em pequenos aspetos na construção da minha narrativa, como por exemplo na caracterização das personagens, na atmosfera dos espaços, no relacionamento familiar, etc.

Falando realmente do sentido estético do meu filme, quis basear-me principalmente nos filmes do realizador Lars von Trier, cocriador do manifesto Dogma95 com Thomas Vinterberg. Hoje em dia, muitas das regras impostas pelo manifesto são “quebradas” pelos próprios, como tal, também eu não me senti capaz de seguir todas essas regras na íntegra, mas sim seguir um estilo idêntico ao que vejo atualmente nas obras destes realizadores. O principal propósito foi a câmara à mão, para que pudesse dar um ar mais real a toda a história, parecendo um outro ponto de vista de uma personagem onisciente que está a acompanhar toda aquela família, para criar toda uma envolvência entre o espectador e a obra. Queria também dar um estilo um pouco documental a todo o filme com os seus movimentos de câmara à mão, zooms, foques e desfoques, mas ao mesmo tempo, queria também dar um certo ar de artificialidade, tudo demasiado bonito e perfeito como esta família quer e pretende ser. Tentei igualmente, por momentos, ter alguns quadros visuais nos planos, bons enquadramentos que nos façam refletir, que acontecem, por exemplo, quando João e a Mãe falam no quarto; na cena final quando estão os dois filhos e a mãe entre eles, ou nessa mesma cena quando o pai está a discursar perante os dois filhos, etc.

O Grande Plano

O grande plano foi o tema proposto aos alunos de mestrado em cinema no presente ano letivo. Como tal, foi-nos, enquanto alunos de mestrado, indispensável aprofundar o tema e conseguir que este se relacionasse com o filme. No meu caso, e da minha história, o uso do grande plano foi sem dúvida uma mais valia para a concretização deste projeto.

Já muitos foram os nomes dos grandes autores da história do cinema que debateram o grande plano e o trabalharam nos seus filmes. Muitos, inclusivamente, defenderam-no como sendo o grande potenciador da criação da arte cinematográfica. Temos como grande exemplo o filme “A paixão de Joana d’Arc”, realizado por Carl Dreyer. Mas, para além de Dreyer, e de Sergei Eisenstein ou D.W. Griffith, muito são os realizadores ou teóricos que têm vindo a falar e a debater sobre o poder e a força transcendental da imagem do grande plano, defendendo que é um espelho da alma. O próprio Lev Kuleshov, no seu conhecido

ensaio/experiencia “Efeito Kuleshov”, usou o potencial do grande plano para conseguir, juntamente com a montagem, passar a sensação de vários sentimentos e emoções, através do rosto neutro e inexpressivo do ator Mosjukin.

Não podemos esquecer que o grande plano faz-nos perder um pouco a noção do espaço ao focar-nos exclusivamente na cara do personagem e, conseqüentemente, por não nos permitir abstrair das suas emoções e expressões, o grande plano torna os momentos mais únicos, intensos e íntimos. No meu filme, como existe um grande jogo entre os afetos e as emoções, o grande plano é sem dúvida a melhor opção para a maioria dos planos da minha obra, obrigando o espetador a divagar sobre o espaço e apenas estar atento às personagens e ao seu íntimo. Como inicialmente tinha planeado, o meu filme funciona muito à base de grandes planos que inclusive resultam muito bem com a estética do mesmo. Infelizmente, por alguns impedimentos técnicos não me foi possível realizar sempre toda essa planificação, ou tão perfeita como idealizei, mas será algo que falarei posteriormente neste relatório.

Assim sendo, e como podemos analisar na minha curta-metragem, o grande plano surge inevitavelmente em todas as cenas. Visto que para a concretização do grande plano é necessária uma grande aproximação da câmara sobre a personagem, também eu tentei usar isso a meu favor, fazendo dos grandes planos muitas vezes o espaço íntimo da personagem no qual estamos a submergir. Por exemplo, observamos logo na primeira cena que os grandes planos surgem só no final, quando a personagem da Mãe fala atentamente para o Pai; até aí, esta tem estado a manter distância e a evitar conversar com o mesmo, o que causa o afastamento da câmara. Nesta mesma cena, o último plano, em grande plano, surge da mesma forma ao que viríamos a observar no final de todo o filme, depois da resolução da história, onde mais uma vez estaremos no interior da personagem. Contudo, nessa vez, a personagem mostra outros sentimentos, e o espetador tem uma evolução sobre a mesma. Nesta primeira cena, a personagem parece cansada, exausta, como se fosse ignorada, e na última, temos o mesmo grande plano, durante mais tempo, onde a personagens se mostra relaxada e sem medos, podemos até dizer, livre de um pesadelo.

Seguidamente, temos vários exemplos de grandes planos ao longo do filme, como já referi, muitas das vezes, na personagem do pai, que servem como se de desabafos se tratassem, como se realmente nós estivéssemos ali ao seu lado, a ouvir o que este tem para nos dizer.

O grande plano no interior do plano

Ao longo do filme existem também imagens em que temos um grande plano da personagem em primeiro plano, e, ao fundo, a desenrolar-se uma outra ação. Por exemplo, na segunda cena temos um grande plano do João em primeiro plano e ao fundo vemos a Mãe a entrar no quarto, como que a invadir aquele espaço íntimo, o que faz desenrolar toda a ação. Outro exemplo é também a primeira cena do jantar (cena seis) em que o João liga a televisão e em que temos um grande plano do pai a reclamar com João, ao fundo.

Tendo eu também, ao longo do meu filme, um estilo muito próprio e pouco convencional, muitas vezes optei por dentro do plano existirem certos zooms que nos levam até aos grandes planos, mostrando-nos que algo não está bem. Para além da carga dramática que o grande plano pode dar à cena, o zoom que nos leva até ali, mais rápido ou mais lento, pode também ajudar a captar melhor a essência da personagem e do que esta tem para nos transmitir.

A fuga dos grandes planos

Com toda a tensão familiar existente no ar, achei necessário, muitas vezes, romper do grande plano para planos mais abertos. Devido às condições do espaço, não foi possível realizar planos gerais, então afasto o espetador para planos médios ou de peito das personagens, isto porque, depois de um pequeno clímax em grande plano, pretendo que o espetador relaxe e descanse para assimilar o que acabou de acontecer, e para que de algum modo se sinta constrangido ao pé daquela família. Depois de ter entrado no seu íntimo, e de se ter aproximado, algo forte acontece, que nos dá essa necessidade de afastamento.

A personagem que se afasta dos grandes planos é provavelmente aquela por quem criamos menos empatia

O Ricardo, se nos apercebermos, é das personagens que quase nunca tem grandes planos, a ele são associados um ou dois, e todas as suas falas são realizadas em planos de peito ou em planos médios. Mesmo no que toca ao pai, são poucos os grandes planos a ele reservados, se bem que em maior quantidade do que com Ricardo. Se existe alguém com quem o espetador se deva relacionar é certamente com a personagem de Ricardo, uma vez que é aquele que mais desconhece e que menos sabe da situação em que a família se encontra. Por isto mesmo, são fornecidos poucos planos de Ricardo e mais dos restantes elementos da família. À semelhança do espetador, Ricardo funciona ali, naquele jantar, como que um observador, motivo pelo qual nos são mais detalhadas as restantes personagens.

Um grande plano especial

Tal como temos a oportunidade de verificar no filme, existe um momento em que a personagem da Mãe, em grande plano, enfrenta o seu marido e lhe diz toda a verdade, em jeito de monólogo. Este foi certamente um dos momentos mais bem conseguidos do filme, porque nos apercebemos que se trata do momento em que a Mãe toma consciência de tudo que tem vivido. É precisamente aquele momento em que a personagem mostra determinação em alterar a sua situação. É a partir daqui que esta personagem toma uma

atitude de mudança, em contraste com a atitude de subordinação, a que nos tinha habituado ao longo do filme. Posso até mesmo comparar este plano ao grande plano de Joana d’Arc, no filme de Dreyer. Tratam-se, efetivamente, de duas personagens que acabam por ser mártires, embora que por motivos diferentes. Este momento do filme mostra-nos muito bem o poder que um grande plano, juntamente com uma excelente interpretação, pode adquirir no cinema.



Pré produção

Para este projeto, decidi não assumir a produção do mesmo sozinho. Visto haver uma colega do curso que tem bastante interesse por produção, e que é minha conterrânea, decidi nomeá-la para minha produtora, uma vez que queria gravar o projeto na minha cidade, em Viseu. Como esta estava na conclusão do curso e a tratar também do seu projeto final, foi complicado inteirar-se completamente na integra neste trabalho de produção do meu filme, e assim sendo, acabei por também assumir um pouco este cargo.

Esta vontade de filmar na cidade onde resido deveu-se sobretudo à maior facilidade de produção. Em Viseu, teria muitos mais contactos com os quais poderia contar para a boa execução deste projeto. Uma vez que é a cidade onde vivo, e por isso mesmo a que conheço melhor, conhecia várias entidades que poderiam apoiar este meu filme. Apesar de algumas delas se revelarem uma desilusão no que toca aos apoios e por não estarem habituados a este tipo de pedidos, ao contrario do que acontece na Covilhã, muitas também me surpreenderam pelo entusiasmo que mostraram em querer participar no projeto. Neste mesmo sentido, sinto que a Cidade da Covilhã já se encontra saturada destes pedidos de apoio, para este tipo de projetos académicos. Por outro lado, tinha a perfeita noção de que este deslocamento da produção, por assim dizer, viria a exigir um maior esforço, na medida em que seria necessário cobrir as deslocações da equipa técnica e o respetivo alojamento, já para não falar das despesas de transporte do material necessário para as filmagens.

Como referi anteriormente, uma vez que a minha produtora não estava totalmente inteirada no projeto tive que acompanhá-la e ajudá-la em diversos aspetos, desde a procura de atores aos decóres, e até à angariação de apoios. Isto porque estes vários aspetos dependiam diretamente de mim e seria indispensável a minha presença. Uma vez chegado o momento das filmagens a Cláudia responsabilizou-se inteiramente dos aspetos da produção uma vez que me seria impossível ajudá-la nesta fase. Desta forma tive a oportunidade de me concentrar totalmente nas minhas funções enquanto realizador.

Seguidamente, irei falar um pouco mais souber estes assuntos em específico.

Apoios

Conforme referi anteriormente, ao filmar fora da Covilhã tinha a noção que haveriam bastantes despesas extras com o projeto, desde as deslocações, transportes, alimentações, estadias, etc. Deste modo, e para atenuar o orçamento do projeto, como normalmente acontece em filmes de baixo orçamento, eu e a minha produtora Cláudia Bento desejámos conseguir alguns apoios que nos pudessem ajudar na concretização desta curta metragem de forma a que não necessitássemos de aumentar o orçamento previsto, antes pelo contrário. Posto isto, começamos a procurar junto a empresas locais de algum apoio

monetário, em troca dos seus nomes nos agradecimentos do filme com o intuito deste ser exibido em vários festivais locais, e assim, “publicitar” de algum modo essas mesmas empresas. Dado a crise económica que o país atravessa, os apoios monetários foram muito escassos, e por sua vez, tentamos então começar a recorrer a apoios em géneros, ou seja, procurar empresas que estivessem dispostas a contribuir com algo que fosse benéfico para a curta metragem em troca desse agradecimento nos créditos finais do filme.

Assim sendo, conseguimos várias empresas que contribuíram para que este projeto fosse possível. Temos os exemplos de empresas que contribuíram com diversos objetos que foram usados para a direção de arte e que mais tarde foram devolvidos; restaurantes que cederam a alimentação dos atores durante os diversos dias, inclusivamente da equipa; hotéis que cederam a estadia aos atores sem que cobrassem quaisquer custos durante todos os dias da rodagem; e ainda supermercados que cederam bens alimentares para que tivéssemos possibilidade de alimentar a equipa técnica. Outro grande apoiante deste projeto, e depois de muita insistência, foi a Câmara Municipal de Viseu, que nos cedeu uma carrinha para que fôssemos à Covilhã levantar o material e posteriormente devolver, sem que existisse qualquer custo para nós em termos de gasolina e portagens.

A Câmara Municipal viria também a apoiar o projeto através da cedência de espaços públicos, para que pudéssemos filmar uma cena do filme. Inclusivamente, acenderam as luzes de natal do Rossio para que fornecesse uma outra ambiência à cena, apesar destas terem passado despercebidas na câmara.

Casting

Durante todo o processo de pré-produção demos início aos castings. Uma vez que queria trabalhar e apostar fortemente na direção de atores, decidi procurar atores amadores com os quais fosse mais fácil contactar e ensaiar todo o guião, ao contrário dos atores profissionais que normalmente só cedem o seu tempo para o momento de filmagens, havendo assim pouco tempo para trabalhar e estudar o guião com os mesmos antes da data das rodagens. Uma vez que isto acontece, optei, primeiramente, em trabalhar com atores amadores. Posto isto, eu, juntamente com o meu assistente de realização Hélder Faria, decidi em fazer vários castings, uns comandados por ele em Vila Nova de Famalicão, e outros comandados por mim em Viseu, para procurar o nosso elenco. Começamos por distribuir vários cartazes pelas cidades e, juntamente com a produção, procuramos espaços onde houvesse a possibilidade de realizar os castings sem que para isto houvessem quaisquer custos. Seguidamente, passamos à divulgação do mesmo, disponibilizando a informação no jornal diário da região, rádios locais, e em cartazes espalhados pela cidade. Divulgamos também o evento juntos dos grupos de teatro, culturais, etc.. Uma vez efetuado este processo, passamos então à fase de castings.

A minha ideia foi a de conseguir, com estes castings, todo o meu elenco, usando um método de casting muito idêntico ao utilizado pelo realizador João Canijo. O intuito era a

de encontrar personalidades idênticas às personagens ou então pessoas que entendessem a personalidade e as intenções das mesmas. Com este método, pretendíamos aliar tanto o fato de termos tempo para ensaiar com os atores, por serem da região, como a de conseguirmos, provavelmente, mais naturalidade e realismo nos diálogos e expressões dos mesmos, o que daria mais genuinidade ao filme. Para isso, demos apenas uma pequena caracterização das respectivas personagens.

Realizamos três casting em diversos pontos da cidade, e tivemos cerca de 30 participantes. A maior parte procurava em adquirir o papel da personagem feminina, a Mãe, e poucos foram os que compareceram procurando pelos papéis masculinos. Com a ajuda da equipa de produção, os participantes deixavam os seus dados e recebiam a caracterização relativa à personagem. Quando os participantes entravam, eu formulava questões referentes à caracterização que lhes tinha sido dadas, questões como por exemplo: o que pensava da personagem, se relacionava com ela, qual a classe em que pensava que esta família vivia, etc. Depois destas perguntas mais “teóricas”, passava então para as questões mais do foro pessoal, se tinham filhos, como falavam com eles, se discutiam com eles, como os chamavam à razão... Posteriormente, e dependendo dos casos, pedia inclusive para que improvisassem uma ou outra fala dessa personagem, como se estivesse a falar para o filho, ou para o marido. Foi interessante as várias ideias e os pontos de vista que surgiram ao longo dos castings e muitas delas ajudaram-me, posteriormente, a completar as caracterizações das personagens. Inclusivamente, algumas diálogos proferidos pelos participantes pareceram-me tão adequadas que as incluí no guião. Infelizmente, desses trinta participantes nenhum me pareceu adequado a cem por cento para as personagens, e para ingressar o elenco, mesmo assim, decidi analisar mais profundamente os casting realizados e pensei então voltar a chamar novamente alguns participantes para um novo casting, uma a duas pessoas, das quais mais gostei, para cada personagem. Posto isto, voltei a agendar uma data, e desta vez, mandei um pequeno excerto do guião apenas com algumas falas, as necessárias para que desta vez fosse possível analisar um pouco a representação e o à vontade perante a câmara, uma vez que todo este processo foi filmado. Mais uma vez o resultado não foi o pretendido, alguns dos participantes não responderam à solicitação e aqueles que responderam, nenhum acabou por me agradar, ou eram demasiado teatrais ou não tinham disponibilidade completa para participar no projeto.

Foi então que decidi começar a procurar o meu elenco o mais rápido possível através de atores profissionais, uma vez que se aproximavam, cada vez mais, as datas de rodagem. Como já calculava que os castings poderiam não resultar no pretendido, já tinha alguns nomes para os atores que poderiam servir para o elenco. Por exemplo, a Suzana Borges sempre foi a minha primeira opção, uma vez que tinha adorado a sua interpretação num projeto da UBI, realizado no ano letivo passado, designado por “Sê bem vindo a esta casa” de Ana Pio. Assim, esta colocou-me em contacto com a atriz que rapidamente aceitou, e com a qual comecei logo a discutir a personagem. Entretanto, começou a busca intensiva

de atores para as restantes personagens. Todos os dias, eu, juntamente da minha produtora e do meu assistente de realização, contactei varias das minhas opções para as restantes personagens, mas muitos delas estavam indisponíveis. Posta esta dificuldade, e uma vez que possuíamos pouco tempo, decidimos contactar diretamente com uma agência de atores, a HIT, que nos ajudou e nos colocou facilmente em contacto com diversos atores, desde os mais experientes até aos que nunca tinham feito cinema nem televisão.

Infelizmente, a angariação de atores para estes projetos escolares tem-se tornado cada vez mais difícil. Vários foram os atores que contactamos, e muitos foram aqueles que recusaram, ou porque não costumam trabalhar neste tipo de situações, ou porque não tinham disponibilidade. Através da agência de atores HIT foi-nos possível a angariação dos restantes atores. Isto surgiu como último recurso, visto que depois de tanto trabalho, já tínhamos esgotado todas as nossas opções. Devido a isto, viria a trabalhar com dois atores menos experientes, que nunca tinham trabalhado neste ambiente anteriormente, falo pois do João Silvestre e do Adão. Estes dois atores apenas tinham participado em algumas publicidades, que em nada têm a ver com este tipo de projetos. Para além disso foi de certa forma difícil avaliar o potencial deles, uma vez que não tinha a possibilidade de ver trabalhos realizados por eles. Por outro lado, através deste contacto com a HIT foi possível obter o nome do Luís Lourenço, que aceitou imediatamente participar no projeto. Trata-se de um ator bem mais experiente, que veio a contribuir positivamente para o projeto. À medida que fomos obtendo os atores, fui contactando com eles para lhes poder comunicar as minhas intenções, referentes a cada personagem. Isto possibilitou-me um trabalho mais íntimo junto dos atores, já que era impossível trabalhar com eles diretamente no local, antes da semana de filmagens.

Equipa

Também nesta fase do projeto foi necessário encontrar uma equipa técnica que satisfizesse as minhas necessidades e que pudessem elevar e enriquecer o projeto. Uma vez que já expliquei como foi tomada a decisão da escolha da minha produtora, passarei agora à exposição de como obtive e ponderei a restante equipa técnica.

Fotografia

Desde cedo que ponderei em o Pedro Bessa ser o meu diretor de fotografia, ainda antes da própria construção da ideia já tínhamos falado na sua disponibilidade em participar no projeto. O Pedro, para além de ser um diretor de fotografia com o qual já tive o prazer de ser assistente, é também a meu ver um excelente diretor de fotografia. Uma vez que conhecia os seus trabalhos e portefólio, discutimos todas as ideias que tinha acerca do meu projeto, principalmente a nível estético. Apesar deste ser um estilo diferente dos trabalhos que este costuma fazer, aceitou o desafio, pois seria uma mais valia para o seu portefólio e

aprendizagem. Uma vez que eu teria muitos planos de sequência e câmara à mão, o Pedro pediu-me a possibilidade de arranjar policates para as cenas e os locais de filmagem, esta era uma das maneiras mais fácil deste conseguir os resultados que eu pretendia. Infelizmente, tal não foi possível devido ao baixo orçamento que tínhamos, então foram-se estudando outras possibilidades para conseguir fazer da melhor maneira a fotografia de cena. Antes das filmagens, mostrei também alguns excertos de filmes e uma lista de referência em que este se pudesse basear para podermos alcançar as minhas intenções. A escolha da câmara foi outra das discussões frequentes que tive com o Pedro ainda antes de gravarmos o projeto. Ambos sabíamos que o uso das câmaras Canon poderiam vir a ser algo que de algum modo poderia vulnerar a realização do filme e as minhas intenções. Tentamos desde cedo a procura de uma câmara de cinema que pudesse satisfazer as minhas necessidades, mas uma vez mais foi impossível devido ao orçamento que tínhamos. A escolha de um bom câmara também poderia ser decisiva para uma boa realização do mesmo e, por isso, também foi um dos temas muito debatidos nesta fase, entre mim e o meu diretor de fotografia. Ambos achamos que o Helder era, dentro das possibilidades, a melhor opção para o trabalho de operador de câmara.

Em relação às intenções do mesmo, e à fase criativa da fotografia, discutimos sobre todas as cenas as ambiências que queria que fossem dadas às cenas, pedi inclusivamente ao meu diretor de fotografia que me enviasse uma nota de intenções do seu trabalho. Esta sugeriu-me uma degradação de luz e imagem ao longo do filme cada vez maior. Gostei particularmente deste aspeto apesar de não ter sido muito bem explorado, como explicitarei mais adiante.

Direção de arte

A direção de arte é, sem dúvida, um dos cargos importantes na criação de um filme. Toda a ambiência das cenas e dos locais é muitas vezes conseguida com o uso dos objetos e o preenchimento dos décors, para que este consigam identificar ao espetador, muitas das vezes, as personalidades das personagens ou dar informações, mesmo que inconscientes sobre as mesmas. A opção de chamar a Inês Lebreaud para este cargo surgiu também desde cedo, tal como aconteceu na fotografia. Discuti hipoteticamente algumas vezes com a Inês o fato dela poder participar no meu projeto, mas tudo dependeria das datas e da disponibilidade da mesma. Dentro da Universidade não temos propriamente um cargo específico para a direção de arte, mas uma vez que a Inês, após a sua licenciatura na UBI, decidiu realizar um curso mais em concreto nesta área, penso sem duvida que ela era a melhor opção. Como já tinha trabalho com a Inês em vários projeto facilmente consegui entrar em contacto com ela e falar-lhe do projeto. Assim que agendei datas e esta viu que tinha disponibilidade, foi então mais fácil falarmos concretamente sobre as minhas intenções e começar toda a preparação da direção de arte. Felizmente, a Inês tinha muitas ideias idênticas às minha e facilmente entendeu as minhas intenções, visto que muitos dos filmes e realizadores que serviram como influências, eram também realizadores e filmes

que a Inês apreciava bastante. Posto isto, começamos então a trabalhar cada personagem em concreto e os decóres. Eu, juntamente com a Inês, escolhemos um tom para o filme e as melhores cores, que serviriam para demonstrar o que eu pretendia com aquelas personagens. Existiu um longo trabalho de preparação no que toca à direção de arte, desde uma caracterização forte das personagens, a pensar como elas, isto para sabermos quais os seus gostos e como estas manteriam os seus espaços pessoais (principalmente no quarto do João). Depois, como é claro, apesar de toda a liberdade criativa com que dei à direção de arte, existiram certas restrições também da minha parte, como certos objetos que teriam que estar obrigatoriamente nos locais para fazerem sentido na história.

Como seria de esperar, a Inês teve também uma forte presença no que diz respeito à fase de *répérage*, pois os locais teriam de ser inspecionados pela mesma para que desde cedo soubéssemos se poderia ou não, juntamente com o seu trabalho de direção de arte, utilizar o espaço para o que eu pretendia.

Com este trabalho, surgiram também imensas listas de objetos que eram necessários para a construção dos cenários. Nesta fase, foi necessário a produção dar todo o apoio e conseguir da melhor maneira, satisfazer as intenções da direção de arte para a obtenção dos melhores resultados.

Som

Como é sabido, é sempre um pouco difícil conseguir arranjar um bom diretor de som para os projetos universitários. Dentro da universidade, apenas uma minoria se dedica e pensam em envergar a área do som. A minha primeira opção, e sabendo que este fez um ótimo trabalho nesta área foi o Paulo Lima. Como ambos trabalhamos no projeto do Hélder Faria e como acompanhei o projeto desde o princípio, aproveitei o convite que o Hélder realizou ao Paulo e eu mesmo também o convidei para o meu projeto. Infelizmente o Paulo, na época das minhas filmagens, estaria fora do país e, como tal, sugeriu-me alguns nomes que a seu ver seriam boas opções para este trabalho. Mais uma vez, foi difícil angariar alguns desses nomes para o meu projeto, visto que muitos deles estariam ocupados com a pós produção dos seus projetos finais. Contactei inclusivamente alguns alunos de outras escolas de cinema, e profissionais da área do som. Finalmente tive que recorrer a alunos do 2º ano do curso de cinema da Universidade da Beira Interior. Foi então que me informaram que a Daniela Jesus seria promissora no que toca ao trabalho de som na UBI e que era uma pessoa muito interessada nesta área. Ainda que não conhecesse o trabalho da mesma e devido à falta de tempo, recorri então à Daniela. Visto ser um curso com poucos alunos, a Daniela é uma pessoa com quem sempre tive contacto dentro da Universidade e então facilmente falei com ela que acabou por aceitar o meu pedido para ser minha diretora de som. Assumindo a sua inexperiência, a Daniela mostrou-se e comportou-se como uma verdadeira profissional e entusiasmada com o projeto. Depois de discutirmos as várias ideias que tinha sobre o projeto e saber as suas opiniões sobre o mesmo, todo o trabalho de som seria depois aprofundado na fase de pós produção. Nesta altura apenas ficou esclarecido o modo

como seria captado o som e que, como seria um filme com muito pouca ou nenhuma banda sonora, era necessário um grande trabalho posterior de ambiências sonoras para preencher os espaços.

Répèrage

A procura dos décors foi, dentro da fase da pré produção, das etapas mais complicadas. Estas acabaram por terem sido decididas pouco tempo antes das filmagens, o que acabou por influenciar e atrasar em parte o trabalho de direção de arte. Apesar de tudo, começamos bastante cedo a ver vários locais que se enquadravam na narrativa da história, alguns deles foram, inclusive, os locais que acabaram por ficar decididos, todavia, perante as restrições técnicas, e às minhas ideias como realizador, ainda não satisfaziam completamente todas as necessidades.

Sendo assim, continuamos a procurar ao longo de um mês e meio diversos locais que poderiam servir para a realização desta história. Visitamos bastantes, mas eu procurava algo muito específico. Em primeiro, preferia que todos os décors se enquadrassem no mesmo local, para que deste modo pudesse alargar as minhas hipóteses de realização. Em segundo, seria totalmente benéfico que os locais estivessem totalmente disponíveis durante uma semana, de forma a que pudéssemos trabalhar de forma isolada, e sem restrições. Para isso, procuramos moradias modelo ou para arrendamento que seriam certamente o mais acessível para nós, em troca claro, de um patrocínio à empresa imobiliária.

Incapacitados de arranjar tal, optamos por procurar apartamentos modelo pois existia mais oferta dentro do ramo imobiliário. Muitas pediram valor monetário, mas outras foram acessíveis e ofereceram de bom grado o local para as filmagens. Cabia agora em optar pelas várias hipóteses as que se enquadravam na narrativa. Depois de várias discussões com a direção de arte e com a produção, acabei por optar por um andar modelo que nos foi cedido facilmente pela empresa Visabeira, de Viseu, que permitiu que durante uma semana filmássemos lá. Nesse mesmo andar modelo apenas a Sala de jantar e a Cozinha me agradavam, e devido a isso, continuamos à procura de vários locais que se ajustassem ao mesmo. Impossibilitados com a falta de tempo, acabamos por decidir filmar nas nossas próprias casas, na minha e na da produtora. Em termos de produção, em nada prejudicavam, e relativamente à narrativa idem aspas.

Contudo, existiram algumas restrições, como por exemplo o quarto do João, que teve de ser filmado num local com uma arquitetura completamente diferente do resto dos décors. Neste caso, coube à direção de arte simular um pouco e retificar os factores que identificassem que a casa pudesse ser diferente, como por exemplo a cor da porta que foi completamente coberta com posters de modo a encobri-la. Por um lado, este fator do quarto do João se encontrar deslocado do décor principal veio a contribuir para uma intensificação da lógica narrativa e, acima disto, para um aspeto altamente criativo. Isto fez com que o quarto do João fosse tratado, em termos de decoração e de fotografia, de

forma diferente do resto. É como se o João se encontrasse deslocado daquela família, com um quarto, simbolizando o seu espaço, muito próprio. A luz é completamente diferente à que encontramos no quarto dos pais, e na sala de jantar. O mesmo se passa com a direção de arte. É claro que no filme estes espaços funcionam como um todo, de forma perfeita, mas inconscientemente, estes aspetos referidos recaem no espetador como que caracterizando a personagem de João.

Autotitulando-me como assistente de produção, penso que todo este trabalho, apesar de muito árduo e complicado, acabou por concretizar os objectivos finais. Como realizador, e sendo eu um pouco perfeccionista, acabei por ficar um pouco desiludido com os locais, pois idealizava-os um pouco diferentes.

As Filmagens

Difícilmente consigo diferenciar a passagem da pré-produção para a fase de filmagens. Após vários dias de trabalho árduo nos diferentes décors com a direção de arte, e depois de resolvidos todos os imprevistos da pré-produção, chegou o resto da equipa técnica para que dois dias depois se começasse a filmar. Durante estes dois dias, fui-me reunindo com cada membro da equipa de modo a explicar como funcionariam as rodagens, e inclusivamente, fizeram-se alguns testes de imagem e câmara.

Como referi anteriormente, o meu estilo de filmagem seria, desde a criação do guião, um pouco diferente do convencional. Seria algo idêntico ao estilo imposto pelo manifesto do dogma95, ou seja, um cinema com uma linguagem mais crua, direta e realista, que pretende privilegiar principalmente histórias sobre as relações humanas de forma crítica. Na realidade, para ser um filme totalmente vinculado no manifesto Dogma95 teriam que existir varias restrições/regras na criação deste filme, o que não sucede aqui. Assim sendo, este não um filme do Dogma95, embora hajam bastantes semelhanças e referências. Seguindo esta estética, optei por usar sempre câmara à mão, um pouco como num filme de documentário, e decidi filmar todas as cenas em planos sequência, em diversas escalas. Para isso, foi necessário ensaiar varias vezes antes de começar-mos a filmar verdadeiramente, principalmente com os atores, para que pudéssemos trabalhar melhor a direção de atores. Em quase todas as cenas foi possível a realização destes ensaios, embora eu seja da opinião de que deveriam ter havido muitos mais, e não só de atores como também em termos técnicos, câmara, fotografia, etc.

Uma vez que o meu assistente de realização foi em simultâneo o meu operador de câmara, estava muito seguro sobre o que se iria filmar, mas uma vez que houve problemas técnicos da câmara, foi-me impossível ter um visionamento externo das cenas, o que a meu ver, é uma falha gravíssima para a realização de um filme. Ao vermos que havia essa impossibilidade, tentei a todo o custo estar sempre atrás da câmara, o que devido a alguns movimentos mais complicados foi impossível eu estar presente na cena, só puderam estar no cenário o operador câmara, os atores e o diretor de som. Nestas situações, tive que dar as mais diversas informações, tanto ao câmara/assistente de realização como aos atores, som e fotografia (que também teve de abdicar da visualização da imagem devido à mesma situação). Infelizmente, mesmo após a filmagem das cenas, e como se estava a gravar em planos sequência, não havia possibilidade de ver o plano depois da respetiva gravação, de forma a poder efetuar algumas correções junto do operador de câmara. As correções que de fato foram feitas ocorreram quando eu, mesmo não tendo uma visualização da imagem, estava a observar a cena a partir de um ângulo morto do cenário, ou então, quando o meu assistente de realização me passava essa informação. Apesar disso, sinto que o meu assistente, por ter estado demasiado focado com o trabalho de operador de câmara, acabou por se afastar um pouco do seu cargo como assistente de realização, isto por ter

assumido os dois cargos. Independentemente disto, fiquei bastante satisfeito com o trabalho de todos os membros no geral, e realmente existiu muito empenho, cooperação e dedicação por parte da equipa.

As filmagens ocorreram durante 5 dias e quase tudo foi filmado cronologicamente de acordo com o guião, para que assim, tanto eu como a equipa técnica, tivéssemos uma noção da forma como estava a desenrolar a história. Assim, conseguíamos um maior crescendo durante as cenas. Seguindo esta planificação do mapa de rodagens, e tentando que isso acontecesse, existiram vários imprevistos que acabaram por tornar isso impossível, como por exemplo, o pior incidente das rodagens ocorreu no quarto dia, enquanto se filmava a penúltima cena. Como costume, eu e os atores estivemos a ensaiar o texto, mas assim que iniciamos as filmagens, pedi aos atores João Silvestre e Luís Lourenço que improvisassem uma pequena discussão, que serviria mais tarde para iniciar a respetiva cena e para a captação de som, que seria utilizado na cena 9, quando a mãe se encontra na casa de banho a escutar a discussão. Este pedido veio a premeditar o sucedido. O ator João silvestre estava um pouco reticente sobre este improviso e começou a dizer falas do guião que seriam ditas mais tarde. Posteriormente, e em forma de consequência, o João Silvestre esqueceu-se de todo o texto. Tivemos que realizar uma pausa de uma hora e meia a duas horas, para que este voltasse a entrar na personagem. Tentaram-se diversos métodos, mas nada estava a resultar. Felizmente, mesmo não conseguindo dizer todo o texto corretamente, o ator voltou a conseguir concentrar-se e a seguir o guião, mas temo que este pequeno incidente venha a desvalorizar, de algum modo, o filme. Outro incidente idêntico ocorreu com a atriz Suzana Borges que no terceiro dia de filmagens, enquanto também se gravavam cenas do jantar, começou a ficar desgastada e por ter tomado alguns calmantes que, apesar de não ter vindo a ser muito prejudicial para o filme, acabaram por a distanciar um pouco das indicações que lhe tinha dado para a personagem. Quanto a incidentes relacionados com a equipa técnica, é de destacar a preparação dos décors. Foi necessário, em grande parte, a preparação e a reposição de cenários (*set dressing*) na maior parte das cenas, o que acabou por gerir alguns atrasos. Mesmo assim, conseguiu-se quase sempre terminar as filmagens a horas previstas, e apesar de atarefados, a equipa manteve-se sempre optimista e a dar o seu melhor para a concretização do filme.

Direção de atores

A direção de atores foi algo que me deu bastante gosto fazer. Sendo este o meu primeiro filme no cargo de realizador, adorei o contacto próximo com os atores. Foi um ambiente excelente no qual tivemos a oportunidade de discutir as várias ideias que tínhamos para as personagens e sobre as personagens. Comecei por lhes falar a todos, individualmente, sobre a caracterização das mesmas, dando-lhes a oportunidade destes discutirem e comentarem a forma como poderíamos enriquecer ou trabalhar a personalidade de cada personagem, desde o modo de pensar à forma de vestir, falar, etc.. Infelizmente, devido à demora que

ocorreu na escolha de atores, não existiu muito tempo para essa preparação, mas, apesar de tudo, contactei diariamente com eles após as confirmações. A Suzana Borges foi a atriz com quem tive mais contacto antes das rodagens, pois também foi aquela que confirmou a sua presença primeiramente.

Os primeiros atores com quem contactei pessoalmente foram o João Silvestre (Pai) e a Rute (Amante) para filmar a primeira cena do guião, que posteriormente na fase da montagem foi excluída do filme. Algum tempo antes de filmarmos, os três ensaiámos a cena e relemos várias vezes o texto, sempre comentando e analisando as intenções de cada personagem. Apesar de tudo, senti que não consegui exatamente o que pretendia com estas duas personagens e com esta cena, muito provavelmente por ter sido a primeira cena a ser gravada e em que trabalhei com eles.

Tal como aconteceu nesta primeira cena, em todas as outras existiu este processo, no qual eu e os atores nos reuníamos entre uma a quatro horas antes de filmar para ensaiarmos e falarmos sobre a mesma. Enquanto isto, o resto da equipa ocupava-se da preparação dos cenários e das questões técnicas. À medida que ia trabalhando o guião com os atores ia-lhes dando novas indicações que pudessem ser mais adequadas e que pudessem beneficiar a interpretação dos seus textos. Posteriormente, ensaiávamos no espaço as ações e as posições. Algumas vezes, depois dos primeiros ensaios, vi-me forçado a corrigir certos aspetos de modo a poder beneficiar a cena e conseqüentemente o filme.

Apesar de em algumas cenas ter havido menos tempo de preparação com os atores, existiu sempre este método de trabalho ao longo do filme, pois para mim é bastante importante indicar ao ator tudo o que precisa saber sobre a personagem, principalmente as suas intenções em cada cena.

Este trabalho garantiu-me um à vontade magnífico com os atores, e deste modo permitiu-me comunicar-lhes mais facilmente o que desejava de cada uma das personagens. Independentemente destes ensaios, sempre que possível ia dando sugestões ao longo da gravação das cenas, quer para melhorar o desempenho dos atores e as suas atuações quer para dar novas indicações às personagens que me pareciam ser as mais recomendadas após a conclusão da cena. Como todas as cenas foram gravadas em planos sequência, foi necessário existir uma grande atenção da minha parte à representação dos atores, de forma a que mantivessem sempre a sua personagem e intenções. Uma vez que se tratava de quatro atores, que na maioria das vezes viriam a contracenar todos juntos, existiu uma grande complexidade na forma como eu os dirigia. Teria que ter em atenção cada ator de forma individual, o que acabou, mesmo que inconscientemente, por me limitar de outras questões técnicas do filme, igualmente importantes. Nestes momentos, confiei plenamente na minha equipa técnica, para que cumprissem todas as minhas intenções segundo os cargos de cada um. Para isto veio a contribuir o facto de não possuir uma imagem da cena, do que se encontrava a ser filmado.

Os atores e as suas personagens

Depois de um estudo árduo com os atores em busca das suas personagens e após analisadas as suas caracterizações, cada ator mostrou-me e falou-me de como pensava ser a sua personagem. Apesar de uma visão muito idêntica à minha, houve vários aspetos nos quais os atores me ajudaram a desenvolver e enriquecer a personagem, como por exemplo a personagem de João. No guião, e para mim, esta personagem é um confronto direto com o pai, que o provoca constantemente em busca de um conflito. Sabia à partida que teria de trabalhar a forma como isso iria acontecer, de modo que a personagem, apesar de ter 26 anos, não parecesse demasiado infantil nem birrenta. Durante o trabalho de direção de atores, o Luís Lourenço sugeriu-me um tom irónico e sarcástico nos diálogos da sua personagem, o qual penso que funcionou bastante bem e que veio a enriquecer a mesma. Apesar deste trabalho de direção de atores, penso que para além da personagem de João, todas as restantes personagens precisavam de muito mais trabalho e ensaios. Gosto bastante do trabalho da Suzana Borges como atriz, mas foi uma pessoa que, apesar de analisar e compreender as indicações que lhe eram dadas, mantinha muitas vezes a ideia que ela tinha sobre a personagem e não a minha, enquanto realizador. No entanto, acho que consegui dar uma personalidade um pouco idêntica à que eu tinha pensado para a Mãe. Quanto ao Adão Castro e ao João Silvestre, são no meu ver os atores com menos experiência e com os quais deveria ter tido mais atenção, pois por momentos julgo que também eles não conseguiram dar o melhor de si para as personagens. O João Silvestre, apesar de tudo, seguiu muitas das minhas indicações, simplesmente acho que não conseguiu dar a entoação correta em algumas das falas, e por isso existe uma certa discrepância entre alguns diálogos do ator. Já o Adão Castro, senti que saía facilmente da sua personagem quando não tinha diálogos, e muitas vezes os mesmos soavam-me um pouco irrealistas, demasiado exagerados. Apesar de todas as correções que eram feitas, obviamente que na montagem final do filme teria que ter em atenção todos os aspetos, tais como som, imagem e *raccords*, e por isso muitas das vezes tive que optar por interpretações menos boas por parte dos atores. É claro que este facto prejudica um pouco o trabalho dos atores, mas acaba por valorizar o filme noutros aspetos mais técnicos.

Realização

Quanto à realização, tentei ao máximo que tudo se mantivesse, mais ou menos, idêntico ao que tinha planeado inicialmente. Tal como referido anteriormente, talvez por condicionantes do espaço ou motivos técnicos, foi-me impossibilitado de realizar certos planos idealizados mas, mesmo assim, consegui manter-me muito idêntico ao programado. Posteriormente, na montagem, acabei por encontrar outras condicionantes que mais uma vez fizeram-me alterar de algum modo a planificação, mas sobre isto falarei mais à frente neste relatório. Tentei durante a realização manter todo o controlo sobre as cenas e dar

todas as indicações necessárias à equipa de modo a que na hora de gravar estivesse tudo preparado, dando plena confiança ao trabalho realizado por todos os técnicos.

O método de realização, tal como já referi anteriormente, seguiu muito a gravação em planos sequências, seguido de planos *insert* que viriam a servir para a montagem da cena. Com isto, foi necessária uma grande atenção aos *raccords*, para que se mantivessem idênticos em todos os *takes* para facilitar a possibilidade de corte, ainda que com as elipses temporais, os *raccords* não foram a principal preocupação, mas sim a coerência das personagens na sua representação. Na penúltima cena, a última na sala de jantar, foi necessário trabalhar muito bem os posicionamentos dos atores, de modo a obter os planos desejados. Nessa mesma cena, foi a minha intenção inicial filmar o esfaqueamento em plano sequência, e para além disso, que se visse o momento do corte. Devido aos poucos meios que tínhamos e aos poucos conhecimentos em “efeitos visuais”, fui obrigado a replanear a cena, juntamente com o meu assistente, e modificar um pouco esse momento.

Outra das coisas que me deu bastante prazer foi o uso do espelho dentro do plano, de modo a que o espectador conseguisse ter, no mesmo plano, percepção de duas personagens em simultâneo, isto, por exemplo, no quarto do João. É-nos apresentado o quarto, inicialmente com uma música intimidante, que nos faz imediatamente questionar de que algo não está bem. Aquele é o seu espaço, o seu interior, onde ele passa a maior parte do tempo. Tal como já referia anteriormente neste relatório, é um quarto confuso, desordenado, escuro e pequeno, dando quase a entender como se de outra casa se tratasse e como se este estivesse à parte daquela família. Por isso mesmo, o uso do espelho veio a fazer com que o espectador conhecesse um pouco todo aquele local e tudo que o rodeia. Como podemos analisar na segunda cena, a mãe entra no quarto e tenta ordenar o espaço de João, ao mesmo tempo que este a impede. Quando o João fala com a mãe e lhe promete que o jantar de natal vai correr bem, nós apenas vemos o seu reflexo, nunca a verdadeira personagem. Naquele momento, o João está a dizer algo com o qual não concorda, interiormente. Existe aqui um presságio de que algo poderá estar mal, ou do que virá a acontecer. Pela forma como se encontra enquadrada a imagem, vemos que a mãe, do lado esquerdo, está separada do reflexo de João, como que em jeito de divisão. Isto remete-nos para uma certa ambiguidade da cena. A mãe e o João possuem uma relação de intimidade e de confiança, e esta imagem mostra-nos exatamente o contrário. Isto, para além de servir de presságio para o que viria a acontecer, conforme referido, remete-nos para uma ideia de barreira e de impedimento. João pede à mãe que se acalme, ao dizer-lhe que tudo irá correr pelo melhor, mas interiormente, e de si para si mesmo, João acredita precisamente no seu contrário. Sabe que ao estar na mesma mesa com o Pai, algo poderá acontecer, uma vez que se torna conflituoso na sua presença.

Pós Produção

Acabadas as filmagens, passamos agora à fase de Pós produção, onde irei dar início à montagem do filme, e posteriormente à correção de cor e à edição de som. Inicialmente, ponderei em entregar toda a montagem do filme a um montador, alguém que estivesse externo ao filme e às filmagens, para que deste modo eu me pudesse abstrair um pouco da história devido ao grande trabalho de montagem que havia para fazer. Não conseguindo ninguém para este cargo, eu e o meu assistente de realização decidimos fazer a montagem em conjunto.

Montagem

A montagem, tal como tudo no resto do filme, é um processo muito importante na parte criativa. Segundo o meu estilo e o idealizado para esta curta metragem, a montagem tem um grande valor e pode ajudar em muito a melhorar o valor do mesmo.

Seguindo as minhas influências, tentei criar um estilo de montagem muito à semelhança das existentes nos filmes do realizador Lars Von Trier. Como também queria dar um estilo de documentário, tentei seguir um pouco as bases da montagem deste estilo. Assim sendo, comecei a edição do filme. Foi-me complicado numa primeira fase trabalhar neste processo sozinho, pois era necessário reanalisar todo o material gravado e ainda por cima, tal como tinha referido anteriormente, existiram planos e *takes* que eu mesmo desconhecia. Felizmente, muitos estavam idênticos aos idealizados, outros nem por isso, e este processo e o facto de não querer desperdiçar nenhuma informação ou plano gravado estava atrasar-me bastante nesta fase do trabalho. É então que entra o meu assistente de realização, que me ajudou a optar pelas melhores opções, visto que, apesar de tudo, tem um poder de abstração perante o mesmo que eu não tenho. Assim sendo, fomos simultaneamente vendo todos os *takes* e montando as diferentes cenas, sempre seguindo o estilo de montagem que eu desejava.

Para dar aquele aspeto de realidade, a câmara à mão desloca-se pelo cenário como se de uma outra personagem se tratasse. Tentei então manter no início uma montagem mais calma, com poucos cortes, que fosse crescendo até ao final, com uma montagem mais rápida e com mais saltos temporais (elipses).

Desde o início que pensei em colocar elipses temporais no filme, cortando deste modo um pouco os momentos mortos do mesmo e mostrando assim ao espetador apenas o que merece ser visto e o que interessa, desde os silêncios existentes, às falas das personagens, passando pelos momentos mais brutos e explosivos.

Ao início, pode parecer estranho este tipo de saltos, mas ao manter esta estética ao longo do filme o espetador acaba por assimilar essa informação mesmo que inconscientemente, por exemplo, nos diálogos exaustivos do pai. Apesar desta montagem e desta estética,

também tenho pelo contrario um contrassenso, que são os planos longos, principalmente nas primeiras cenas, em que a ausência de cortes é mais frequente. A ideia seria a de causar a tal sensação de calma e ao mesmo tempo estranheza no espectador. A minha ideia para este filme nunca foi a de se assemelhar a um filme perfeito ou dentro das normas, muito pelo contrario, a minha ideia é a de ser um filme que chocasse de algum modo o espectador, com cortes bruscos, erros técnicos propositados e elipses, ou seja, toda a desconstrução do que estão de certa forma acostumados a ver. Visto se tratar do meu primeiro filme, e ser a primeira vez que estava a trabalhar com este estilo de realização e montagem, foi complicado conseguir seguir todas essas minhas intenções. O uso desta câmara, tal como já expus neste relatório, acabou também por não ser a melhor opção, e acabou por não realizar muitas das características que eu queria para o mesmo, como o zoom, que uma vez realizados com a Canon facilmente desfocavam-se os planos. Os focos e os desfocues eram algo que sempre decidi que existisse neste meu filme, e enquanto se trabalhava na montagem apercebemo-nos que muitos deles não estavam como eu idealizei. Mesmo assim, era algo que eu queria presente no filme e, apesar das vezes ter a possibilidade de os retirar com a montagem, ou não, acabei sempre por optar em ter um ou outro plano em cada cena em que isso acontecesse, mais uma vez, para manter toda esta estética ao longo do filme.

Obviamente, existiram diversos erros de raccords originados pelo método que utilizei nas gravações, mas felizmente, vários conseguiram ser disfarçados, ou pelas elipses, ou usando alguns planos de *insert*, que de certo modo puderam dar outro ritmo ao filme o qual não desgostei. Ainda assim, tentei ao máximo seguir todas as ideias que tinha desde a concretização do projeto e seguir na integra a planificação e a nota de intenções.

Nesta fase, é também de realçar que optei por excluir duas das cenas existentes no guião e que foram, isto porque senti, após o visionamento da montagem final, que as mesmas não trariam nada de significativo ao filme. No guião, essas cenas faziam sentido, principalmente para a construção e caracterização dos personagens, mas posteriormente à montagem, apercebi-me que retirar a primeira cena podia de certo modo trazer alguma curiosidade ao espectador sobre a história (ainda que essa não era a minha intenção na fase da criação do guião). Já a penúltima cena do guião, cena doze, julgo que poderá ir contra a estética que pensei em dar ao filme. Curioso é que ambas as cenas foram trabalhadas apenas numa fase final da escrita do guião, isto já com o intuito de experimentar futuramente o resultado das mesmas na montagem.

Edição de som

A edição do som começou a ser realizada assim que ia tendo algumas cenas montadas. Enquanto se montava o filme, ia ao mesmo tempo sincronizando todos os *takes* de som e dando as cenas que iam ficando finalizadas à diretora para que esta comesse o seu trabalho. Dei-lhe todas as indicações do que pretendia e como queria a concretização do

som. Uma vez que só existiria a música em uma cena do filme, todas as outras teriam de ter um grande trabalho de ambiências de modo a preencher e enriquecer o filme. Para que se captasse o som da melhor maneira, evitaram-se todos e quaisquer barulhos de fundo de modo a só termos as vozes das personagens e para que posteriormente pudéssemos trabalhar as ambiências e colocar os efeitos sonoros nos momentos certos. Existiram diversas notas que foram por mim cedidas à diretora de som para que esta soubesse as minhas intenções e o que eu desejava. Apesar disso, dei completa liberdade para que esta também trabalhasse a sua criatividade sonora e me surpreendesse, podendo acrescentar ou colocar alguns efeitos sonoros que achasse mais adequados. Ainda que lhe tenha dado todas estas informações, na primeira versão provisória do som existiram diversos erros. Não sei se foi por não me saber explicar da melhor forma, mas penso que a diretora de som não entendeu a estética nem o conceito do meu filme. Por exemplo, ignorou as elipses temporais ao colocar sons para que estas fossem disfarçadas e não realçadas. Compreendo que seria complicado para um técnico ver o seu trabalho num registo diferente mas como já justifiquei anteriormente, este é o estilo do filme e as minhas intenções. O filme tem o intuito de ficar “feio” para o espetador, não perfeito, não o estereótipo, e foi essa a mensagem que lhe tentei transmitir para que pudéssemos corrigir estes erros. Posteriormente, juntamente com as minhas novas indicações, surgiu uma segunda versão do som que a meu ver estava um pouco melhor mas que ainda não se encontrava dentro das minhas expectativas nem do que eu desejava para o mesmo. Desta vez, também foi preciso corrigir os níveis das falas e do som, pois existiam incoerências e discrepâncias. Posto isto, e com mais alguns reparos meus, finalizamos a edição do som numa terceira versão, que apesar de ainda não estar totalmente o que pretendia, será de todas as versões a que se igualiza mais. Penso que a este nível ainda preciso de trabalhar um pouco mais, e apesar de todo o empenho e esforço por parte da minha diretora de som, acredito que esta necessitasse um pouco mais tempo para que assim alcançasse o que eu pretendia.

Correção de cor

Tal como aconteceu com a direção de som, também o processo para correção de cor foi um pouco idêntico, ou seja, assim que ia terminado a montagem das cenas fui informando o meu diretor de fotografia e enviando as cenas concluídas para que este estivesse a par do processo e fosse começando a analisar as opções que teria para fazer a correção de cor. Após ter concluída toda a montagem, eu e o meu diretor de fotografia, combinamos uma semana inteira para este propósito, pois acompanhei em todo este trabalho para conseguir passar-lhe todas as intenções e ideias que tinha em relação à fotografia do filme.

Ironicamente, sucedeu também com o meu diretor de fotografia um pouco o mesmo que aconteceu com a minha diretora de som, ficou um pouco surpreendido com as minhas escolhas e intenção pensando que poderia estar a “estragar o filme”, pois a minha ideia sempre foi a de degradar um pouco a imagem do filme, principalmente de cena para cena,

para que existisse um crescendo e para que começássemos a ter uma imagem quase idêntica a uma *handycam*, como se de um filme caseiro se tratasse. A minha ideia seria começarmos com cores mais frias e uma imagem mais perfeita, tal como a família pretendia ser, e a cor fria para que não houvesse muita aproximação do espetador com as personagens, era essa tanto a minha intenção como a do meu diretor de fotografia ao longo de todo o processo criativo. Apesar da teoria, a verdade é que custa sempre um pouco degradar uma imagem bem trabalhada e surgem sempre algumas reticências. Mesmo com estas pequenas reticências chegamos ambos a um acordo e trabalhou-se perfeitamente, ficando um pouco idêntico ao que os dois desejávamos para a história e para a fotografia do filme. O “pior” tratamento de cor diz respeito ao quarto do João, pois foi a cena que mais se distanciou do que foi filmado. Todas as cenas, durante o processo das filmagens, ficaram muito idênticas ao que se estava a pensar fazer neste processo de correção de cor, apenas o quarto do João tinha ficado demasiado iluminado quando o intuito era ter-se um quarto mais sombrio e, como referi anteriormente neste relatório, mais deslocado dos restantes compartimentos da casa. A opção era já pensada em levar um maior tratamento nesta fase, e creio ter-se conseguido facilmente trabalhar este aspeto e ficar parecido com o idealizado.

Efeitos Visuais

O meu filme, apesar de não ser um filme que leva muito efeitos visuais, acabou de alguma maneira por ter sido submetido aos mesmos, isto causado principalmente por algumas condicionantes técnicas ou então para dar mais credibilidade aos planos. É o caso da imagem da televisão na primeira cena, que teve de ser colocada posteriormente. Outros aspetos dos efeitos visuais serviram para omitir, por assim dizer, alguns objetos ou reflexos indesejados nas cenas, como por exemplo reflexos da câmara nos armários da cozinha, ou dos projetores, como projetores visíveis na cena do jantar devido a alguns movimentos mais bruscos da câmara.

Conclusão

Por esta ser a minha primeira obra e por não ter ainda uma vasta experiência no ramo da realização e na execução deste estilo de filme, acabei por não conseguir concretizar uma das minhas principais intenções, fazer um filme de que gostasse e muito próprio. É claro que gosto do resultado final e empenhei-me ao máximo para que este ficasse o mais idêntico ao que eu pretendia, mas acabou, mesmo assim, de ficar aquém das minhas expectativas. Sinto que devia ter tido um maior trabalho com a equipa toda no geral de modo a que conseguisse ter transmitido a todos, perfeitamente e claramente, o que pensava e queria com este filme. Não sinto que falhei propriamente nesse aspeto mas reconheço que com mais tempo de preparação e, talvez com mais ensaios, poderiam ter-se melhorado pequenos aspetos que irão provavelmente valorizar o meu filme.

Sinto que apesar de todas as dificuldades dei o meu melhor na concretização do mesmo e gosto bastante do resultado final. Ainda poderei, posteriormente, olhar novamente para este filme e sentir que poderei fazer alguns reparos, e espero mesmo que isso venha a acontecer.

Em relação ao trabalho com a equipa técnica, gostei bastante de toda a dedicação que todos empenharam no meu projeto de modo a que este ficasse o mais parecido possível com a minha visão e para que esta obra se concretizasse da melhor maneira. Penso que existiu um ótimo ambiente durante todos os processos de criação do filme, algo que me deixa orgulhoso. Adorei ter trabalho com a equipa de atores a qual também se deu otimamente com toda a equipa técnica o que fez ainda melhorar mais esse ambiente. Concluindo resumidamente o meu parecer em relação aos cargos técnicos, fiquei bastante satisfeito com o ótimo trabalho de direção de arte, realista e dentro do que eu procurava, e com a imagem do filme que está quase como eu a idealizava. Em relação ao som, penso que a Daniela fez uma ótima captação e um ótimo trabalho no local de filmagens, mas senti alguma inexperiência em conseguir aquilo que eu pretendia no que toca à edição. Penso que está uma boa versão do mesmo, mas como a própria disse,- ainda estou a aprender - e ainda que muito profissional e muito dedicada, sempre a tentar alcançar as minhas intenções, sinto que a edição ainda poderá ser uma das coisas a melhorar.

Apesar de ter existido bastante preparação e comunicação, tanto com a direção de som como com a de imagem, durante as filmagens, trata-se de um estilo de filme estranho a ambos que justifica o fato de terem ficado surpreendidos quando chegamos à parte da edição. Apesar de ambos terem gostado do estilo pelo qual optei para o filme, este foi sempre, de certo modo, complicado para ambos conseguirem concretizar a cem por cento das minhas intenções.

Quanto à estética do filme, acredito que ainda não tenha conseguido totalmente alcançado os meus objetivos, uma vez que se trata de um estilo de filme muito próprio e que de certa forma necessitava um pouco mais de experiência. No entanto, fiquei satisfeito na medida em que a aprendizagem foi bastante, e senti que apesar de todas as minhas reticências

consegui realizar um bom filme. Apercebi-me também que ao ter seguido um estilo idêntico ao do manifesto Dogma 95, o resultado final veio a aproximar-se de uma estética talvez mais semelhante aos trabalhos realizados pelos irmãos Dardenne, visto ter quebrado muitas das regras do manifesto.

Pelo resultado final, o filme distancia em parte do que eu tinha idealizado anteriormente, mas mesmo assim o resultado foi bastante positivo e mais do que isso permitiu-me cumprir um dos meus principais objetivos desde que ingressei na UBI, o de realizar um filme.

ANEXOS

Guião

Porque um dia acaba

POR

Luís Sérgio

INT. QUARTO - TARDE

O quarto encontra-se escuro, apenas com alguma luminosidade que provém das frinchas dos estores semicerrados. É um quarto pequeno e que se encontra desarrumado - 2 mesas de cabeceira, uma cómoda e um guarda-fatos. Existem alguns livros na cómoda e numa das mesinhas de cabeceira. Na outra encontram-se um telemóvel, um relógio e uma carteira. Vemos roupa espalhada por algumas partes do quarto.

DUAS PESSOAS estão deitadas, um HOMEM e uma MULHER. O homem, cerca de 50 anos, com alguns cabelos grisalhos e algumas rugas já visíveis, transmite uma aparência mais velha. Repentinamente o telemóvel TOCA com sinal de mensagem.

O homem levanta-se e lê a mensagem. Olha atentamente para a mulher ao seu lado e esboça um sorriso. De seguida, dirige-se à cadeira onde estão algumas roupas. Começa a vestir-se.

A mulher, de aparência mais nova, desperta e olha para ele de uma forma ensonada. Sorri.

MULHER

Já vais?

HOMEM

Tenho que ir. Vou buscar o Ricardo.

A mulher desliza pela cama com preguiça e aproxima-se do homem. Agarra-o com carinho.

MULHER

Ainda é cedo, fica mais um bocadinho.

O homem continua a vestir-se...

HOMEM

Convém ir indo.

MULHER

Gostaste da minha prenda?

HOMEM

Sabes que gosto sempre. Agora espero que gostes da tua.

Tira do bolso do casaco uma pequena caixa com um laço e oferece-lha. A mulher fica entusiasmada e pega nela apressadamente.

HOMEM

Mas é só para abrir à meia-noite!

MULHER

Vais fazer-me esperar até logo?

O homem acaba de se vestir e dirige-se até à porta.

HOMEM

Vais ver que vai valer a pena.

A mulher sorri, e coloca a caixa em cima da mesinha de cabeceira.

MULHER

(para o homem)

Feliz Natal.

O homem pega num casaco, sai do quarto e fecha a porta.

CORTE PARA:

INT. COZINHA - MAIS TARDE

O BARULHO do exaustor invade a cozinha.

A cozinha de proporção média, tem um aspecto moderno. Em cima de uma das bancas encontra-se uma televisão, que embora ligada, é abafada pelo BARULHO do exaustor. Na cozinha encontra-se MÃE, de aproximadamente 45 anos, vestida de uma forma simples e com uma expressão cansada.

A mãe está a preparar o jantar de uma forma atarefada. Anda pela cozinha apressadamente de um lado para o outro.

Entra pela cozinha o mesmo homem da cena anterior... PAI traz consigo algumas cartas de correio, folheia-as para ver a correspondência e pousa o molho em cima da banca.

MÃE

(surpresa)

Já chegaste?

(olha para a porta)

O Ricardo?

PAI

Ainda não fui buscá-lo. Mandou mensagem a dizer que estava atrasado.

MÃE

Não queres comer nada antes de ires?

O pai pega num jornal e senta-se à mesa. Mãe começa a preparar algo para ele comer. O pai folheia o jornal.

PAI

Então, e o teu filho? Ainda não saiu do quarto?!

MÃE

Não te preocupes. Já vou lá chamá-lo.

PAI

A culpa é tua... Andas sempre a mimá-lo e depois dá nisto!

A mãe pousa um prato com uma sandes em frente do pai.

PAI

E tu? Não comes nada?

O pai olha para ela durante alguns segundos, depois suspira e fecha o jornal. Em seguida olha para a televisão enquanto come.

A mãe continua ocupada a preparar o jantar.

PAI

(impaciente)

Por que é que não vais chamá-lo para te ajudar? Não faz nada da vida!

MÃE

Não é preciso, deixa estar.

PAI

(olha para a mãe)

Achas bem?

(pausa)

Estás aí a fazer tudo sozinha...

O pai volta a desviar o olhar para a televisão.

Passado algum tempo mostra-se incomodado e olha para o exaustor.

PAI

É preciso isso estar ligado? Nem consigo ouvir a televisão...

A mãe desliga o exaustor.

O pai acaba de comer e levanta-se da mesa. Caminha em direcção à porta de saída.

PAI

Bem... vou andando então.

MÃE

(volta-se para pai)

Não te esqueças de ir comprar o aquecedor para o teu filho, se faz favor.

PAI

Não te preocupes. Já tratei disso.

MÃE

(a justificar-se)

É que depois ele passa frio e vem de lá doente.

PAI

Não te preocupes...

A mãe retoma as suas tarefas. O pai sai da cozinha e fecha a porta.

INT. QUARTO JOÃO - FINAL DE TARDE

Ouvimos MÚSICA alta, tipo metal.

O quarto, parcialmente escuro, encontra-se desorganizado: a cama não está feita, tem roupa espalhada por cima da cama e da cadeira; estão dois pares de sapatilhas no chão, e um par de meias. Em cima da secretária está uma embalagem de cereais e uma tigela, alguns dvds, um portátil e umas colunas, de onde vem a música. Nas paredes estão colocados alguns posters de música e filmes.

Sentado na secretária está JOÃO, 25 anos, a jogar computador. Tem a barba por fazer e está despenteado. Veste umas calças de fato de treino e uma t-shirt.

Ouvimos bater à porta.

MÃE

João? João?

A mãe abre a porta do quarto...

MÃE

(à porta)

Estás a ouvir João? Estou farta de te chamar. És ao menos capaz de baixar essa musica horrível?

João olha para a mãe de relance, baixa um pouco a música e continua a jogar o seu jogo.

JOÃO

Não chateies, que queres?

MÃE
 (irritada)
 Não chateies não João! Estou
 farta de ser vossa criada.

A mãe entra no quarto e começa a arrumar.

MÃE
 Sempre a mesma coisa! O teu pai
 já me esteve a chatear a cabeça
 por tua causa.

Arruma algumas roupas e começa a fazer a cama.

MÃE
 Tive o dia todo a tratar do
 jantar de natal e é assim que me
 agradecem?!

JOÃO
 Mas eu mandei-te fazer alguma
 coisa?

A mãe olha para João irritada. Continua a arrumar as coisas.

JOÃO
 Pára mas é de mexer nas minhas
 coisas e deixa-me em paz também!

João levanta-se e afasta a mãe para a saída.

JOÃO
 (com calma)
 Se te deixa mais descansada, eu
 já me vou preparar. Vai lá fazer
 as tuas coisas.

A mãe olha para João com um ar sério.

MÃE
 João, hoje não quero chatices,
 estás a ouvir? Por favor!

João olha para a mãe e acena afirmativamente.

MÃE
 (com ar sereno)
 João, estás a ouvir? Estou a
 falar a sério. O teu irmão está a
 chegar e hoje é dia de natal. É
 para estarmos em família.

João vira a cara. A Mãe, carinhosamente, coloca a mão na cara de João e olha-o nos olhos.

MÃE

Vê lá se te portas bem...

João respira fundo.

JOÃO

Não sei porque estás com essas conversas agora...

MÃE

Porque estou farta de aturar todos os dias as vossas discussões...

JOÃO

Está descansada, desde que não me chateiem... Não te preocupes.

A mãe acaricia João e fecha a porta. João volta a colocar a música mais alta e a jogar computador.

INT. CARRO - NOITE

No lugar do condutor está o pai. Ao seu lado está RICARDO, jovem de 19 anos, vestido com camisa e calças de ganga.

Ricardo olha atentamente para a paisagem. Veem-se algumas casas com luzes de natal e carros. Ambos estão em silêncio e pensativos.

PAI

Então filho, não dizes nada?

(Pausa)

Já te comprei o aquecedor novo.

Ricardo olha para o pai, mas mantém-se em silêncio. Olha para a estrada.

PAI

Estava um caos. Isto no Natal é sempre assim...

RICARDO

Não era urgente, mas obrigado.

PAI

A tua mãe 'tava-me sempre a chatear com isso.

(pausa)

Tinha medo que ficasses doente.

Existe algum silêncio no carro. Os dois olham para a estrada. Ricardo olha para o pai.

RICARDO
 Por falar nisso, como vão as
 coisas lá por casa?

O pai olha atentamente para a estrada e não responde.

RICARDO
 Está tudo bem?

PAI
 (hesitante)
 Está... como sempre. Já sabes
 como é com a tua mãe... e o teu
 irmão, olha... passa os dias
 enfiado no quarto.

Ricardo olha novamente para a estrada. Os dois mantêm-se
 em silêncio.

PAI
 E tu? Está tudo bem com a
 faculdade?

RICARDO
 Está... o normal.

PAI
 Ainda bem filho... aproveita
 enquanto és novo.
 (pausa)
 Infelizmente a vida a mim não me
 deu as mesmas oportunidades.

O pai fica em silêncio, e Ricardo continua a olhar para a
 paisagem. Passado alguns segundos, o pai olha para Ricardo
 e mostra-se contente...

PAI
 Sabes que tenho orgulho em ti,
 não sabes?

Ricardo olha para o pai um pouco envergonhado e sem
 resposta. Logo de seguida fica um pouco mais sério e
 continua a olhar para a paisagem.

INT. QUARTO JOÃO - NOITE

João está encostado à janela a fumar e a ouvir MÚSICA.

Avista pela janela o pai a estacionar o carro. Passado
 poucos segundos saem do carro o pai e o Ricardo.
 Dirigem-se à mala e tiram alguns sacos de compras e a mala
 de Ricardo.

João continua a fumar tranquilamente enquanto olha pela
 janela.

Passado algum tempo apaga o cigarro numa lata de refrigerante pousada no parapeito.

Entra pelo quarto Ricardo. João vira-se para trás e sorri quando o vê.

RICARDO

Boas!

JOÃO

(gozão)

Olha o sor' doutor!

João dá um jeito à secretária. Deita para o lixo alguns pacotes de bolachas vazios.

RICARDO

A mãe? Sabes dela? Não estava lá em baixo...

João encolhe os ombros e começa a procurar pela roupa espalhada algo para vestir.

Ricardo olha em redor e aproxima-se da janela. Abre-a um pouco.

RICARDO

(intrigado)

Agora fumas cá dentro?

JOÃO

(irritado)

Também tu!? Já chegam os pais a chatearem-me a cabeça todos os dias!

RICARDO

O que é que se passou desta vez?

João começa a juntar alguma roupa de lado e arruma outras dentro do armário.

RICARDO

(insiste)

Estás a ouvir?

João continua a arrumar as coisas. Ricardo senta-se na cama.

RICARDO

Também estão sempre a arranjar confusão...

JOÃO

(irritado)

É fácil para ti falares porque não és tu que vives neste inferno todos os dias!

Ricardo não responde. Ambos ficam em silêncio.

JOÃO
(em tom de brincadeira)
Agora o meu irmãozinho também
está preocupado comigo, é?

João ri-se e atira uma almofada contra o irmão que descontrai um pouco.

JOÃO
Não te preocupes vá, tá tudo bem.

Ricardo caminha pelo quarto a vasculhar pelas coisas do irmão.

RICARDO
Parece que hibernaste tu... A mãe
não diz nada de teres o quarto
assim?

JOÃO
A mãe não...

Ricardo ri e dirige-se à saída.

RICARDO
Vê lá é se te despachas...

JOÃO
Eles que esperem!

CORTA PARA:

INT. QUARTO DOS PAIS - CONTINUAÇÃO

O quarto tem uma decoração clássica, com uma cama, cómoda, duas mesas de cabeceira e um guarda-fatos. Em cima da cómoda, encostado à parede, está um espelho. Nela encontram-se várias figuras religiosas, e algumas velas.

A mãe encontra-se em frente à cómoda a acender uma vela. Quando a pousa, olha para as figuras e sussurra algo para si mesma.

Desvia o olhar para a roupa do marido pousada em cima da cama. Dirige-se até ela.

Confere os bolsos das calças e cheira uma camisola. Cheira-a várias vezes e em sítios diferentes. Ricardo aparece de repente sem ela se aperceber.

RICARDO
(tom jocoso)
Então, como anda a senhora minha
mãe?

A mãe assusta-se e olha para trás. Ricardo sorri para ela carinhosamente.

MÃE
(contente)
Filho! Já chegaste...

Vai em direcção ao filho e dá-lhe um beijo, depois avalia-o.

MÃE
Olha para ti! Estás mais magro!
Não andas a comer nada de
jeito...

Ricardo encolhe os ombros.

RICARDO
Ooh também, dizes sempre isso.

MÃE
Então, é porque é verdade...

Ricardo sorri, e de seguida mostra um ar mais sério.

RICARDO
E tu? Como é que andas?

A mãe volta-se de novo para a roupa e muda para uma expressão mais séria.

MÃE
Eu cá ando... como sempre.

Mãe começa a dobrar a roupa.

MÃE
(com alguma frieza)
O teu pai?

RICARDO
Está lá em baixo, na sala.

MÃE
Deixa sempre a roupa toda
espalhada

Abana a cabeça negativamente.

MÃE
Esperaste muito por ele? A viagem
correu bem?

RICARDO
Sim correu. O autocarro
atrasou-se um bocado. Mas foi na
boa.

A mãe continua a arrumar as roupas.

MÃE

E esperaste muito pelo teu pai?

A mãe levanta o olhar ligeiramente, e aguarda resposta.

RICARDO

Não, ainda foi ele que teve que esperar por mim...

João entra no quarto...

MÃE

(irritada)

Ó João, ainda estás assim!?

JOÃO

E?

MÃE

O jantar está quase pronto. Não vais passar o Natal assim, pois não?

João olha para o irmão e para a mãe.

JOÃO

Aiii... Já disse que já ia!

A mãe faz um ar de reprovação.

MÃE

Vai-te lá vestir mas é... não me dêes cabo do juízo, ouviste? Tenho tanto p'ra fazer, e ainda tenho que guardar a roupa do teu pai.

JOÃO

(com frieza)

Ele que a guarde, também tem mãozinhas...

Ricardo olha para os dois, sério e com ar de desentendido.

MÃE

(para João)

João, já te avisei, por favor!

A mãe olha para Ricardo e sorri. Ricardo olha para os dois de forma desconfiada.

JOÃO

Vou tomar banho então. Eu já desço.

João sai do quarto e a mãe acaba de guardar as roupas.

MÃE

Ricardo, e tu vai meter o que
trouxeste para lavar no cesto,
que depois trato disso.

Mãe sai do quarto. Ricardo detém-se mais uns segundos e olha para a cómoda onde estão as figuras religiosas. Ricardo sai do quarto.

INT. SALA DE JANTAR - NOITE

Trata-se de uma sala de jantar moderna. Ao centro está uma mesa grande rodeada de cadeiras. A mesa está posta com talheres, guardanapos, algumas travessas de comida e pratos grandes e pequenos para as entradas. Em frente existe uma janela. Junto a ela encontra-se o pai, sozinho.

Serve-se de um cálice de vinho. A mãe entra na sala. O pai olha para ela.

PAI

Onde é que estiveram?

A mãe mostra-se atarefada e ignora-o. Começa a rechear a mesa com a comida. Anda sucessivamente da cozinha para a sala de jantar. O pai observa-a atentamente enquanto ela organiza toda a mesa de jantar. O pai vira-se para a janela. Mostra-se pensativo.

PAI

(entre dentes)

Feliz Natal.

A mãe observa-o. O pai olha para ela. Ambos estão em silêncio.

PAI

Falta muito para jantar?

Ricardo e João chegam à sala. A mãe continua a preparar a ceia de natal.

MÃE

Vá lá meninos, chega de conversa.
Toca a despachar que o vosso pai
já está à espera para jantar.

Ricardo e João sentam-se nos seus lugares.

PAI

(para a mãe)

É preciso alguma coisa?

MÃE

João, vai lá dentro e traz os
copos...

João levanta-se contrariado e vai à cozinha.

O pai coloca o cálice de vinho em cima da mesa. A mãe pousa uma travessa de salgados na mesa e volta à cozinha. O pai pega na garrafa de vinho que se encontra em cima da mesa.

PAI
(para Ricardo)
Ricardo, queres vinho?

RICARDO
Pode ser.

João chega com os copos...

JOÃO
Também quero, não é só o filhinho querido...

Ricardo olha atentamente para João que pousa os copos na mesa.

RICARDO
Então? Até parece...

O pai ignora-o. Seguidamente serve Ricardo e depois prepara-se para servir João. João agarra a garrafa e serve-se.

JOÃO
(rude)
Deixa estar que eu sirvo-me, não precisas de te incomodar comigo.

O pai olha para ele, mas não diz nada.

A mãe chega com uma travessa de camarões e pousa-a na mesa.

MÃE
Espero que gostem. Este ano decidi fazer uma receita nova, para ser diferente. Foi a Celeste lá do trabalho que me deu.

A mãe senta-se na mesa ao lado esquerdo do pai que se encontra na cabeceira em pé. Na sua frente está Ricardo, que se encontra ao lado direito do pai. Sentado ao lado da mãe está João. Depois de todos estarem sentados, o pai senta-se.

PAI
Vamos aproveitar que estamos todos juntos, em família, para desfrutar desta noite de natal em paz.

JOÃO

(entre dentes)

Sim, visto que ultimamente paz é algo que não existe nesta casa.

A mãe olha-o e faz sinal para ele se calar. João cala-se e começa a servir-se. Ricardo olha para a mãe que baixa a cabeça. Todos começam a servir-se. A mesa está recheada com pequenas entradas, croquetes e rissóis. Numa das pontas da mesa está um bolo rei e alguns doces. Ao centro está uma grande travessa de salada e de camarões.

Todos estão em silêncio, apenas se ouvem os talheres a bater nos pratos e nas travessas. O pai observa toda a mesa. As luzes de natal iluminam suavemente os seus rostos enquanto estão a comer.

Juntamente à sala de jantar está a SALA DE ESTAR, com uns sofás e uma mesa de centro. Em frente está a televisão. Entre os dois espaços está o pinheiro de natal com alguns presentes e o presépio. João levanta-se da mesa. O pai observa-o atentamente.

João pega no comando da televisão e liga-a. O som da televisão quebra o silêncio que existe na sala. O volume está alto.

PAI

Mas é preciso isto? João, põe mais baixo se faz o favor, ou então desliga-se já a televisão!

(pausa)

Onde é que já se viu? Parece impossível, não podemos simplesmente conversar como pessoas normais...?

JOÃO

(irónico)

Normais?

João baixa ligeiramente o som da televisão e vai-se sentar, o pai olha seriamente para ele e segue-o com o olhar.

MÃE

Ricardo, e como estão a correr os estudos?

RICARDO

Bem. Esta semana foi complicada, como estamos a chegar ao final do semestre tive cheio de trabalhos, mas correu tudo bem.

PAI
Eram sobre o quê?

RICARDO
O último que tive foi sobre a
influência da religião na vida
das pessoas...

PAI
Parece interessante...

JOÃO
(ri em tom irónico)
Mas que raio de ideia... As
pessoas são o que são, o que as
influência é esta merda de
sociedade em que vivemos, em que
ninguém respeita ninguém.

MÃE
Cuidado com a linguagem João!
Estás à mesa, não estás na rua
nem ao pé dos teus amigos.
(pausa)
As pessoas são livres para
acreditarem no que quiserem.
(pausa)
A verdade é que a religião ajuda
e salva muita gente, se não fosse
Deus a olhar por nós, não sei
quem seria.

JOÃO
Tudo tretas! As pessoas acreditam
nessas coisas por limpeza de
consciência, enfim.

PAI
A vossa mãe tem razão.
(pausa)
Vocês só têm é que respeitar...

JOÃO
Sim, porque tu de respeito também
podes falar muito...

Todos olham para João. O Pai não responde. Volta a
criar-se outro pequeno silêncio à mesa, apenas se ouve o
som da televisão.

RICARDO
Chegaram a marcar a minha
consulta no dentista?

MÃE
Sim, eu liguei para lá e ficou
combinado para passares lá depois
do natal.

RICARDO

Ok, eu preciso é de dinheiro para pagar.

PAI

Não te preocupes que eu passo lá e trato disso.

JOÃO

Para ele já há dinheiro, para mim é sempre um drama...

RICARDO

Ó João, por favor...

MÃE

Pára de te queixar, alguma vez te faltou alguma coisa? Depois se quiseres falamos, agora não é o momento para isso.

PAI

Se queres mais dinheiro, vai trabalhar!

JOÃO

Já cá faltava a história do costume...

A mãe interrompe a conversa.

MÃE

Chega!

O pai faz uma festa na mão da mãe, e esta afasta-a. Pega rapidamente no guardanapo e limpa a boca. Levanta-se. Começa rapidamente a retirar os pratos pequenos que serviram para comer as entradas.

JOÃO

Então? Ainda não acabei.

MÃE

Acabaste, sim...

(enquanto levanta os pratos)

Vão servindo a salada que vou buscar o bacalhau.

INT. COZINHA - NOITE

A mãe entra apressadamente com os pratos na cozinha. Coloca-os no lava-louça. Acalma-se. Olha para o forno, onde está o bacalhau. Numa das cadeiras da mesa está uma carteira. A mãe abre a carteira e tira um cigarro e um isqueiro, mostra-se indecisa em acendê-lo. Dirige-se até ao fogão. Nervosa, liga o exaustor. O BARULHO do exaustor

subrepõem-se ao silêncio existente. A mãe aprecia o seu cigarro.

Ricardo entra na cozinha.

RICARDO
 Vinha saber se precisavas de
 aju...
 (admirado)
 Voltaste a fumar!?

A mãe mostra-se constrangida e atrapalhada. Apaga imediatamente o cigarro no lava-louça.

Ricardo aproxima-se da mãe enquanto esta começa a retirar o bacalhau do forno.

RICARDO
 Mãe, passa-se alguma coisa que eu
 não saiba?

A mãe ignora e continua a tratar da travessa do bacalhau.

MÃE
 Chega-me aí uma colher para
 servir.

Ricardo abre uma gaveta de um armário e tira uma colher de servir e dá-a à mãe.

RICARDO
 Podes responder-me à minha
 pergunta? Já o João foi a mesma
 coisa. Passa-se alguma coisa?

MÃE
 Não é nada. Isto já 'tá pronto,
 podemos ir.

RICARDO
 Mãe?

MÃE
 Está tudo bem...

A mãe olha para Ricardo nos olhos.

MÃE
 Hoje é natal, não quero
 confusões.

RICARDO
 Se as coisas não andam bem, podes
 dizer-me. Foi o pai, outra vez?

MÃE

Ricardo, por favor...

RICARDO

Se vocês não se entendem, mais vale acabar com isto de uma vez por todas. É melhor do que andarmos nesta hipocrisia.

MÃE

Já viste o que as pessoas iam dizer... Não é o correcto Ricardo...

RICARDO

Esquece as pessoas! Mãe, as coisas têm de se resolver...

MÃE

Sim, e vão-se resolver, mas hoje não vamos falar disso, ok?

Faz um sorriso doce e triste para o filho. Ricardo suspira. Olha para a mãe durante algum tempo, que aguarda a sua resposta. Ricardo faz um sorriso forçado, pega na travessa que a mãe tem e sai da sala. A mãe sai atrás dele. O exaustor continua a trabalhar. Seguimos os dois até à...

INT. SALA DE JANTAR - CONTINUAÇÃO

João está sentado no sofá a ver televisão e o pai está sozinho na mesa à espera do jantar.

PAI

João já te disse umas quatro vezes para vires para a mesa. Estás cada vez mais mal-educado.

João olha o pai com um ar de arrogante.

MÃE

João vem p'ra a mesa, vamos jantar.

João olha para a mãe. Levanta-se rapidamente e vai para o seu lugar.

JOÃO

(para o Pai)

Se sou mal-educado, foi a educação que tu me destes!

O pai olha irritado para ele.

MÃE

João, cala-te se fazes o favor e pára de te comportar como uma criança e vamos comer.

A mãe começa a servir o bacalhau no prato de João e depois serve Ricardo. Olha para o pai.

MÃE

Queres que te sirva?

PAI

Sim, pode ser.

Enquanto a mãe está a servir a comida, o pai começa a servir mais vinho nos copos. Por fim a mãe serve o seu prato.

PAI

Bom apetite para todos.

Todos começam a comer e a saborear a refeição. Mais uma vez existe um silêncio na mesa, apenas se ouvem os talheres a bater nos pratos e o som da televisão.

RICARDO

Então e tu João, como vai a procura de emprego?

JOÃO

uiii, queres mesmo falar sobre isso?

(pausa)

Vai normal...

PAI

(irritado)

Normal? NORMAL..? Podia estar bem melhor se não dormisses até ao meio dia todos os dias! Estás à espera que o emprego te bata à porta! 'Tás muito enganado...

MÃE

Olhem os vizinhos...

JOÃO

Prontos... Querem começar é?

PAI

Se seguisses era o exemplo do teu irmão... Com um curso na mão as coisas iam ser muito mais fáceis.

JOÃO

Já tava mesmo a ver... Agora vamos defender o filho prodígio e

(MAIS...)

JOÃO (...cont.)
dizer que eu sou um burro de
merda, é?

RICARDO
(irritado)
Agora vão meter-me a mim ao
barulho?

JOÃO
(mais alto)
Não é meter-te a ti ao barulho,
mas é este senhor que passa os
dias a rebaixar-me quando ele
também não tem exemplos nenhuns
para dar!

PAI
(irritado)
Este senhor aqui é o teu pai! É
quem te dá um tecto e paga a
comida que comes, para não falar
na porcaria dos teus vícios.

MÃE
(com um tom de voz elevado)
Por favor, podem parar? Estou
farta destas discussões. Todos os
dias é a mesma coisa.

JOÃO
Mais uma vez foi o pai que
começou quando ele nem sequer tem
moral para falar.

O pai exalta-se e dá um murro na mesa.

PAI
Respeito à mesa por favor!

JOÃO
Respeito tu pelas merdas que
fizeste e andas a fazer! Qual é a
tua moral para falares de mim
quando nem sequer consegues
manter a pila guardada nas
cuecas? Ela gosta assim tanto...

A mãe imediatamente dá uma bofetada a João. Todos ficam em
silêncio. Ricardo fica em choque. A mãe está a tremer. O
pai coloca a sua mão em cima da dela que esta em cima da
mesa para tentar acalma-la. A mãe retira rapidamente a sua
mão da mesa e levanta-se.

MÃE
(dirigindo-se ao pai)
Tu pára já com isso! Estou farta!
Farta de te perdoar vezes sem
(MAIS...)

MÃE (...cont.)
 conta por causa da porcaria dos
 teus deslizes e mais deslizes!
 Estou cansada.
 (pausa)
 Será que nunca se pode ter paz na
 porcaria desta família?

Todos olham em estado de choque para a Mãe. A mãe encontra-se furiosa e muito emotiva, prestes a chorar.

MÃE
 Deixem-me pelo menos ter este dia
 sem discussões! POR-FAVOR!

O Pai e os filhos permanecem em silêncio. A Mãe sai da sala rapidamente e transtornada.

INT. CASA DE BANHO - NOITE

A mãe entra na casa de banho nervosa e com a respiração acelerada. Abre o armário onde se veem alguns frascos e caixas de comprimidos. Tira uma caixa e alguns comprimidos. Abre a torneira e coloca os comprimidos na boca. Toma os comprimidos e tenta controlar a sua respiração. Senta-se na banheira. Algumas lágrimas caem do seu rosto. Passa o seu rosto por água e olha-se ao espelho. Sente as suas rugas. Ouve-se uma discussão.

INT. SALA DE JANTAR - NOITE

João e o pai estão a discutir exaustivamente. Ricardo tenta acalma-los.

RICARDO
 Mas afinal... Alguém me pode
 explicar o que é que se passou?

JOÃO
 O que se passou é que há pessoas
 que não conseguem aprender com os
 seus erros...

RICARDO
 (para o pai)
 Mas voltou a acontecer? Voltaste
 a fazer o mesmo? Outra vez?

PAI
 Mas nesta casa ando tudo maluco?
 Nem na noite de Natal se pode ter
 um bocadinho de descanso em
 família?

JOÃO

Outra vez? Ele nunca parou! Ele tem uma relação com ela! Almoçam juntos, lancham juntos, FODEM JUNTOS!

O pai levanta-se enfurecido e a cadeira cai no chão. Chega perto do João que também se levanta. O pai levanta-lhe a mão. Os dois olham-se intensamente.

JOÃO

Nem penses nisso! Tu não és ninguém para me bateres. Pensas que ainda tenho 17 anos?

PAI

Sou o teu PAI! E ainda estou bem a tempo de te dar a educação que precisa. Exijo respeito!

João sorri em tom provocador.

RICARDO

Parem os dois com isso. Já viram como é que ficou a mãe?

O pai respira fundo tenta acalmar-se. João olha para Ricardo.

RICARDO

Mas por que é que insistimos em continuar a viver assim? É a isto que chamamos de família?

Existe um silêncio na sala. João olha enfurecido para o Pai.

Na sala de estar, existe uma pequena mesa que serve como garrafeira, tendo alguns copos e algumas garrafas de whisky. O pai chega-se perto da mesa e serve um copo de whisky.

RICARDO

Não se pode ignorar mais este assunto, estão-me a ouvir?

João senta-se na cadeira e olha para Ricardo.

PAI

Eu AMO a minha família e disso ninguém duvide. Ninguém!
(pausa)

Ninguém me condene pelos os meus erros... Errar. Errar. ERRAR! Só me sabem dizer que sei errar!

A mãe entra na sala. João levanta-se, dirige-se até perto da mãe e abraça-a. Ricardo junta-se a eles.

JOÃO

Estás bem?

MÃE

(para o pai)

Dizes que amas a tua família? Mas ninguém que ama, faz isto a alguém. Se ele ama, então e eu? Eu farto-me de lutar todos os dias por esta família. Tento que ela funcione. Achas que é fácil? Todos os dias quando olho para a tua cara só a vejo a ela! Mas perdoo e perdoo e isso sim é amar, isso sim é querer a nossa família.

O pai olha para a mãe surpreendido.

PAI

Eu sempre vos dei tudo! Nunca faltou nada na porcaria desta casa. Fiz de tudo para serem felizes, e eu? Alguma vez pensaram em mim, em como eu me sinto? Já me tentaram ouvir ou perceber? Qual é afinal o valor que tenho dentro desta casa?

JOÃO

Achas mesmo que depois de tudo... Depois do que tu fizeste à mãe a gente quer saber de ti? Pedes desculpa como cachorrinho abandonado a dizer que a tua família é tudo, e depois manténs-te a sustentar a puta da tua amante como se nada fosse?

O pai enraivecido atira o copo de whisky para o chão e chega-se perto de João.

PAI

Estás a ver se me irritas? Que falta de respeito vem a ser essa? Apesar de todos os meus erros eu sou teu pai!

MÃE

(aflita)

João, cala-te por favor.

Ricardo afasta o pai de João.

RICARDO

Mais uma vez era impossível não estragar o jantar de Natal, não

(MAIS...)

RICARDO (...cont.)
 era? Mas será que todos os anos é a mesma coisa? Querem acalmar-se. Parem de agir assim, porque é que ninguém me dá ouvidos e fazem o que já devia ter sido feito há muito tempo. Porque é que não se acaba com isto logo de uma só vez?

O pai olha atentamente para Ricardo e com as lágrimas nos olhos.

PAI
 Filhos, eu sei que isto não é fácil, mas um dia vão entender... Um dia vocês vão ter a vossa família e vão entender. Eu preciso de vocês, vocês são a minha família!

JOÃO
 (arrogante)
 Não há nada para entender. Se queres uma família é melhor ires ter com a tua amante, pode ser que ela te dê uma, ou só serve para...

O pai aproxima-se de João e levanta-lhe a mão.

JOÃO
 Bate! Vá, BATE! Ou não gostas de ouvir as verdades?

A mãe coloca-se no meio dos dois e fixa o seu olhar em João. Seguidamente dirige-se para o pai.

MÃE
 (séria)
 O Ricardo tem razão, já chega desta brincadeira de família feliz. Acho que o melhor a fazeres é ires embora.

O pai tenta aproximar-se da mãe de forma a acalmá-la...

MÃE
 Não me toques! Metes-me nojo...
 Vai embora!

O pai afasta-se irritado.

PAI
 Eu não vou sair! Estás a expulsar-me da minha própria casa? Que descaramento vem a ser este? A casa que eu paguei!

JOÃO
(irritado)
Não ouviste a mãe? SAI!

PAI
Esta casa também é minha, porque
é que deveria ser eu a sair? Tá
tudo louco?

Ricardo chega-se perto do pai e coloca-lhe a mão no ombro.

RICARDO
Pai, talvez seja o melhor a
fazer, amanhã falamos com mais
calma.

PAI
Eu não vou sair da minha casa.
Não entendem isso! Isto é o meu
lar, vocês são a minha família,
por quem eu dei tudo!

João chega-se perto do pai e começa a empurra-lo.

JOÃO
SAI! Deixa-nos em paz e vai lá
ter com a tua amantezinha reles.

PAI
(Com lágrimas nos olhos)
João para com isso, filho tu não
estás em ti.

JOÃO
Nunca mais me trates por filho!
Quero-te daqui para fora.

João começa a empurrar o pai para a porta.

RICARDO
João tem calma!

A mãe aflita tenta afastar João do pai.

MÃE
João, pára filho.

JOÃO
Ele tem de sair daqui. Estou
farto de o ver a trair-te e tu
aqui a sofrer e a viver como se
nada fosse! Ele não tem respeito
por ninguém.

João pega numa faca que está em cima da mesa e aponta para
o pai. Todos ficam em choque.

JOÃO

És uma vergonha como pai e como marido. Tentas criar um rótulo de família feliz mas isso é impossível por tua culpa! Falhaste e a CULPA É TUA! SAI JÁ DAQUI!

PAI

João que estás a fazer filho? tem calma e pousa a faca antes que alguém se magoe.

A mãe e o Ricardo chegam-se perto de João para o acalmarem.

RICARDO

João, dá-me a faca.

MÃE

(aflita)

Filho! Pára já com isso! Ouviste o teu irmão, dá-lhe a faca.

João começa a chorar enraivecido e olha para a mãe.

JOÃO

Não aguento mais ver-te a sofrer por causa deste animal, ninguém sabe o que eu já passei contigo! Tu quiseste acabar com tudo e tive de ser eu a impedir-te. Se aqui alguém merece morrer é ELE!
(dirige-se para o pai)
ÉS TU CABRÃO!

João cospe na cara do pai. O pai imediatamente responde com uma bofetada. João irritado espeta a faca no pai. Existe um silêncio na sala.

Ricardo e a mãe estão em choque. O pai cai no chão. Durante algum tempo ninguém reage. O BARULHO do exaustor ouve-se mais alto.

João está estático tal como a mãe. Ricardo olha para o pai e para o irmão. A respiração dele aumenta de ritmo. Finalmente cai em si e ajoelha-se perto do pai. Olha para o sítio da ferida e pressiona com a mão.

RICARDO

(nervoso)

Dá-me um pano!!!

Tenta fazer pressão na ferida.

RICARDO
 (nervoso)
 Liga para o 112!

Ricardo continua a fazer pressão na ferida, olha para a mãe.

RICARDO
 (aflito)
 Mãe! Não fazes nada?!

A mãe cai de joelhos no chão, e olha para o pai. Está em estado de choque. O pai contorce-se de dores. A mãe chega perto do corpo do pai.

O pai tenta pedir-lhe ajuda e coloca a sua mão em cima da dela. A mãe fica hesitante, agarra a faca... e espeta-a mais fundo. Volta a tirar a faca e volta a espetá-la. Ricardo fica a olhar para a Mãe em choque e com horror!

RICARDO
 Mãe!?

CORTE PARA NEGRO

INT. SALA DE JANTAR - NOITE (MAIS TARDE)

Ricardo está no chão junto do corpo do pai já morto a chorar. A mãe e João abraçam-se e estão de pé a olhar para o corpo. A mãe chora calmamente enquanto João olha com um olhar sereno para o pai.

CORTE PARA NEGRO

INT. COZINHA - AMANHECER

A mãe está sozinha na cozinha a fumar um cigarro. Apenas ouvimos o barulho do exaustor que suga o fumo do cigarro. Vê-se alguma calma no rosto da mãe que observa atentamente o nascer do sol. Na banca está a faca suja com sangue. Esta observa-a. Desliga o exaustor e continua a fumar o seu cigarro calmamente.


FIM

Sketchbook (referencias e influências)

Jovem esfaqueou o pai e a mãe chamou a Polícia

Publicado em 2012-09-10

A.F.S./C.V.

 Like 8 people like this. Be the first of your friends.

 Share 66  Tweet 6  Share 0  +1

Um jovem de 18 anos foi detido pela PSP, na Brandoa, concelho da Amadora, suspeito de ter agredido o pai, à facada, na própria casa de família, soube o JN. O caso ocorreu cerca das 21 horas e poderá estar associado ao consumo de droga, o que gerou primeiro discussão entre pai e filho e, depois, a agressão à facada.

Aparentemente, o filho queria fumar um cigarro com droga mas, ante a recusa do pai, gerou-se o confronto, numa situação problemática que já se arrastava há algum tempo.

A agressão ocorreu na casa onde residiam, no Casal do Choupo, e na altura a mãe encontrava-se também presente na habitação. Aliás, terá sido a própria mãe a chamar a PSP, depois de ter visto o filho ensanguentado, estranhamente sentado no sofá, e o marido caído no chão e gravemente ferido.

O jovem estava ontem a ser ouvido na PSP e o pai foi transportado em estado muito grave para o Hospital Amadora-Sintra, não sendo conhecido ainda o seu estado.

Uma hora antes, também na Amadora, a PSP deteve um outro jovem com pouco mais de 20 anos, na sequência de uma situação relacionada com trânsito.

A PSP apercebeu-se de que se tratava de um jovem que era procurado pela PJ, envolvido em vários crimes. O jovem estava ao volante de um carro roubado no Algarve, em Vila Moura, um Golf, e tinha na sua posse uma caçadeira, além de várias munições.

Poderá estar associado a outros crimes, inclusive um homicídio. A PJ foi chamada à Amadora.

CRIME/VILA DO CONDE

Filho é suspeito de matar pai à facada

por Alfredo Teixeira 10 novembro 2011 13 comentários



Manuel Cadilhe, campeão de póquer
Fotografia © Direitos Reservados

A Polícia Judiciária (PJ) deteve o filho de Manuel Cadilhe, de 49 anos, por ser o principal suspeito da morte do campeão de póquer morto à facada na sua casa na madrugada de ontem, em Vila do Conde.

No decurso de várias diligências de investigação imediatamente desenvolvidas, veio a determinar-se que Miguel Cadilhe, de 20 anos, por desavenças com a vítima e num acesso de fúria esfaqueou aquele no interior da sua residência, provocando-lhe a morte.

Seguidamente retirou alguns bens ali existentes e, utilizando um produto acelerante de combustão, incendiou o quarto onde se encontrava o cadáver. O detido, estudante e também jogador de póquer, vai ser presente amanhã, no Tribunal de Vila do Conde, a primeiro interrogatório judicial para aplicação das medidas de coacção tidas por adequadas.

Armação de Pera: Crime junto a loja de artesanato

Filho mata pai e vai para o café

Jovem de 23 anos esfaqueou o pai no peito depois de este ter recusado dar dinheiro. Agressor feriu ainda um familiar e um amigo, mas foi detido pela GNR

12 de Agosto 2015, 12:40h  Nº de vezes  Comentários (4)

Por Rui Pando Gomes/Ana Palma

 Share 138

O dinheiro era o principal motivo de discussão entre Kala e Vicky. Ontem de madrugada, um novo confronto entre pai e filho terminou em tragédia, em Armação de Pera. O jovem, de 23 anos, esfaqueou violentamente o pai, de 50 anos, que não resistiu aos ferimentos.

O caso de homicídio, ao que o CM apurou, aconteceu pouco depois das 00h00, à porta de uma loja de artesanato, que era explorada pela família de nacionalidade indiana. A vítima ainda foi socorrida pelo INEM, mas não resistiu aos ferimentos sofridos no peito. Um elemento da família e um amigo do agressor também ficaram feridos ao tentarem evitar o ataque e foram transportados ao hospital.

O agressor, ao que o CM soube, é consumidor de drogas e terá exigido dinheiro ao progenitor para comprar produto estupefaciente. Perante a recusa, atacou a vítima com uma faca no peito, à entrada da loja. De seguida fugiu do local. "Foi ao café com a camisola cheia de sangue e disse que já tinha morto o pai", recordou ao CM uma testemunha, que pediu o anonimato.

"O senhor Kala já estava em Portugal há mais de 20 anos e era uma pessoa que não fazia mal a ninguém", recordou um amigo do empresário indiano.

O homicida foi capturado minutos depois pela GNR de Armação de Pera nas imediações do local do crime. A Polícia Judiciária foi chamada e esteve durante várias horas a recolher vestígios e a interrogar testemunhas. O homicida foi ouvido no Tribunal de Silves e foi posto em prisão preventiva.



GNR capturou agressor e Polícia Judiciária recolheu vestígios no local do crime

Tamanho Letra A- A+  Enviar

 Imprimir  Partilhar

 Comentar  Ler Comentários



“Dentro da casa”
um filme de
François Ozon



“A árvore da vida”
um filme de
Terrence Malick



“O tempo que resta”
um filme de
François Ozon





“Raptadas”
um filme de
Denis Villeneuve





“A festa”
um filme de
Thomas Vinterberg





“A Casa de Alice”
de
Chico Teixeira





"Hotel room" de Edward Hopper



"71 Fragmentos de uma Cronologia do Acaso"
um filme de Michael Haneke



"Melancolia " de Lars von Trier



“Melanolia “ de Lars von Trier





“Polytechnique “ de Denis Villeneuve



“A Casa de Alice” de Chico Teixeira



“E a Tua Mãe Também” de Alfonso Cuarón



“Terça, Depois do Natal” de Radu Muntean



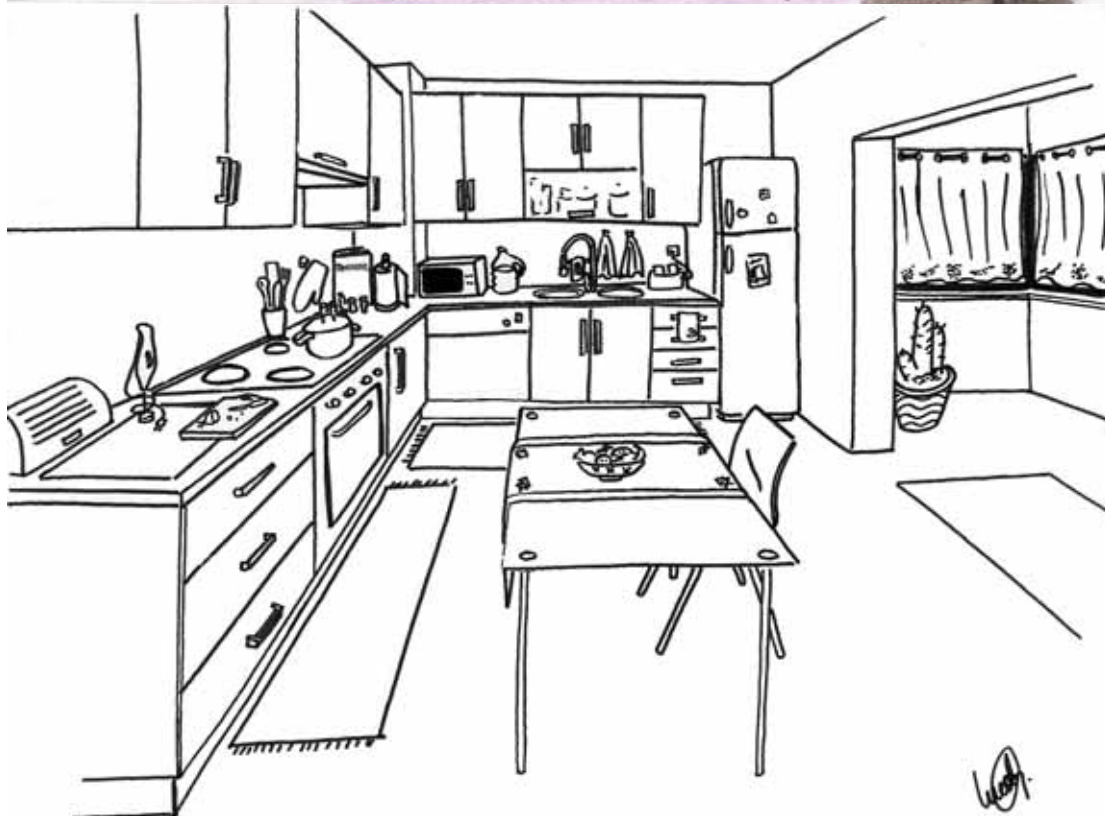


“Ivã, o Terrível mata seu filho” de Ilya Repin



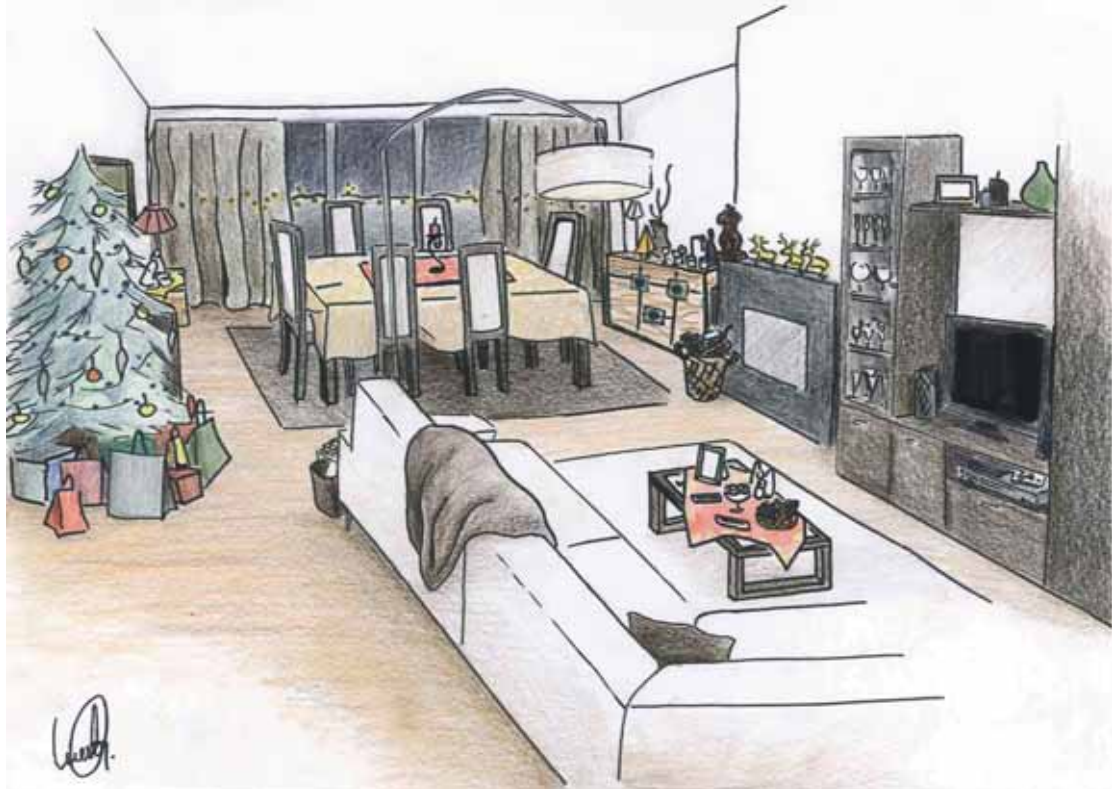
“A Paixão de Joana d'Arc” um filme de Carl Theodor Dreyer

Desenhos Direção de Arte

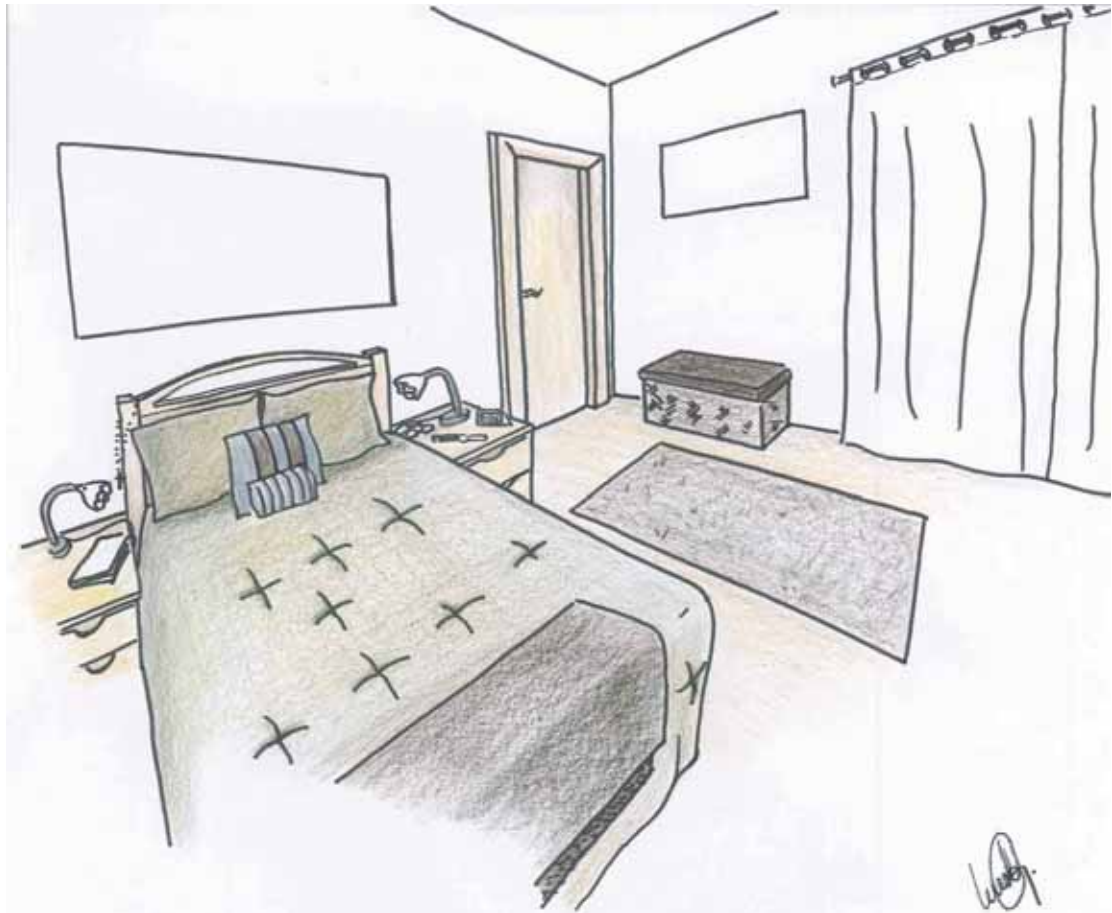


"Porque um dia acaba?" - COZINHA

PORQUE EM DIA ACABA? - SALA

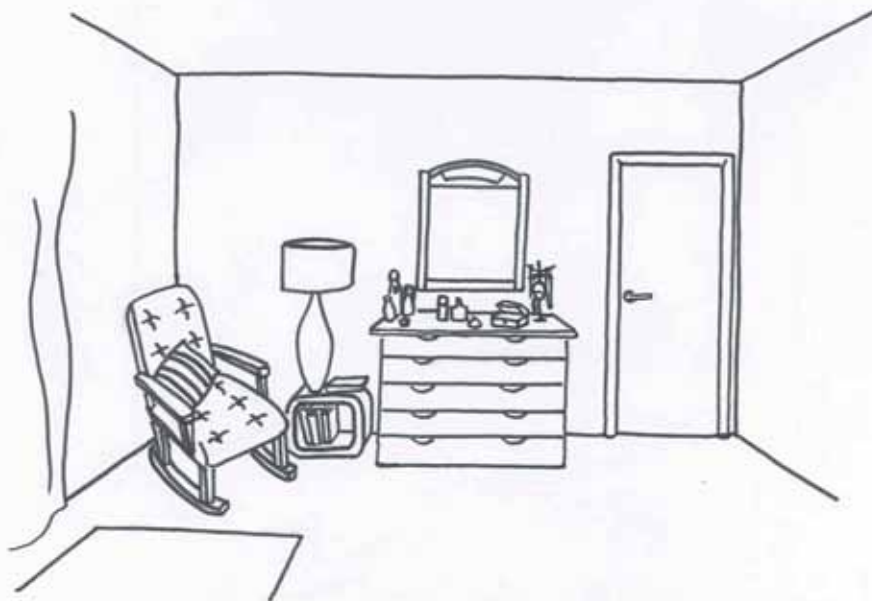


A small, handwritten signature in the bottom left corner of the colored drawing.



"FÓNGUE UN DIA ACABA?" - QUARTO PAIS

"FÓNGUE UN DIA ACABA?" - QUARTO PAIS





“PORQUE UN DIA ACABA” - Quarto João

